

Realização:



Apoio:

MALALA:
FUND

Rede de Ativistas pela **Educação do Fundo Malala no Brasil**



Rede de Ativistas pela Educação do Fundo Malala no Brasil

Realização:



Apoio:



Organizações parceiras:



EQUIPE INESC

Conselho Diretor

Aline Maia Nascimento
Júlia Alves Marinho Rodrigues
Márcia Anita Sprandel
Pedro de Carvalho Pontual
Roseli Faria

Conselho Fiscal

Iliana Alves Canoff
Lucas de Alencar Oliveira
Mário Lisboa Theodoro

Colegiado de Gestão

Cristiane da Silva Ribeiro
Iara Pietricovsky de Oliveira
José Antonio Moroni

Coordenadora da Assessoria Política

Nathalie Beghin

Gerente Financeiro, Administrativo e de Pessoal

Ana Paula Felipe

Assistente da Direção

Adriana Silva Alves
Marcela Coelho M. Esteves

Equipe de Comunicação

Maria Garcia
Silvia Alvarez
Thais Vivas
Thays Puzzi

Assessoria Política

Alessandra Cardoso
Carmela Zigoni

APOIO INSTITUCIONAL

Actionaid

Avina America - Fundo Pulsante
Charles Stewart Mott Foundation
CLUA – Climate and Land Use Alliance
ETF - Energy Transition Fund
Fastenaktion
Fundação Avina
Fundação Ford
Fundação Heinrich Böll

Cássio Carvalho
Cleo Manhas
Gabriela Nepomuceno
Leila Saraiva
Livi Gerbase
Márcia Acioli
Tatiana Oliveira

Assessoria Técnica

Dyarley Viana de Oliveira
Thallita de Oliveira

Educador Social

Markão Aborigine

Contadora

Rosa Diná Gomes Ferreira

Assistente de Contabilidade

Ricardo Santana da Silva

Técnico de Informática

Cristóvão Frinhani

Auxiliares Administrativos

Adalberto Vieira dos Santos
Eugênia Christina Alves Ferreira
Isabela Mara dos Santos da Silva
Josemar Vieira dos Santos

Auxiliar de Serviços Gerais

Roni Ferreira Chagas

Estagiários/as

Victor Queiroz

Fundar

ICS – Instituto Clima e Sociedade
KNH – Kinderothilf
Malala Fund
Misereor
OSF – Open Society Foundations
PPM – Pão para o Mundo
Rainforest Foundation Norway

FICHA TÉCNICA

| | |
|--|---|
| Coordenação Política Cristiane da Silva Ribeiro, Iara Pietricovsky e José Antonio Moroni (Colegiado de Gestão do Inesc) | Revisão técnica Cleo Manhas |
| Coordenação técnica Cleomar Manhas | Revisão de português Sílvia Alvarez |
| Escrita Kamvula Dudu Paique Duques Santarém | Ilustrações Thais Vivas |
| | Diagramação Arthur Menezes |
| Inesc – Instituto de Estudos Socioeconômicos Endereço: SCS Quadra 01 - Bloco L, nº 17, 13º Andar Cobertura – Edifício Márcia. CEP: 70. 3037-900 - Brasília/DF Telefone: + 55 61 3212-0200 E-mail: inesc@inesc.org.br Página Eletrônica: www.inesc.org.br | |

É permitida a reprodução total ou parcial do texto, de forma gratuita, desde que sejam citados os autores e a instituição que apoiou o estudo, e que se inclua a referência ao artigo ou ao texto original.

Agosto de 2022

Índice

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 5 |
| Sonhar futuro | 11 |
| Condução: trabalho ou escola? | 17 |
| Aprendendo com os corredores... | 23 |
| Relatório da pesquisa de educação meninas malala | 29 |
| Coopera que vai | 33 |
| Decisões Coletivas entre manobras num Skate Park | 43 |
| Epílogo | 54 |

Introdução:

navegando por documentos, dados, enredos

A educação no Brasil, ao longo dos últimos dez anos, sofreu várias modificações em seus documentos legais. No entanto, o compromisso com os termos expressos em lei, quer sejam eles municipais, estaduais ou federais continua ameaçado e isso tem impactos na realidade social no que diz respeito à evasão escolar, planejamento para o futuro de crianças e adolescentes, envolvimento com a família, distinções de raça/gênero, educação quilombola e indígena, acesso às tecnologias, cumprimento de prerrogativas institucionais e investimento em educação pública.

Desde que a pandemia da Covid – 19 se instalou como fenômeno contra a saúde humana global fez-se compreender entre as cátedras e órgãos responsáveis que a educação deveria ter seu cuidado intensificado devido ao isolamento social e às demais estratégias que seriam desenvolvidas para que fosse possível manter o processo pedagógico em andamento sem que houvesse diferenças de qualidade em relação aos anos anteriores. No entanto, tendo em vista a realidade educacional brasileira, é perceptível que as variáveis que interferem no desenvolvimento da educação

nacional sempre estiveram aquém da realidade das populações de maior vulnerabilidade social. Assim, é possível concluir que a pandemia aprofundou ainda mais as desigualdades educacionais para diversas comunidades e aumentou os desafios para garantir a qualidade do ensino de seus membros.

Com a investida conservadora no Parlamento brasileiro e na atual gestão do Executivo, a educação nacional foi alvo de diversos ataques e cortes de recursos que têm sido sistematicamente reduzidos ao longo dos últimos anos. Além disso, esses ataques conservadores têm comprometido a liberdade de profissionais da educação em atuar e realizar o seu trabalho de modo laico e comprometido com os documentos científicos desenvolvidos por órgãos internacionais. Desse modo, a escola acabou sendo um dos principais palcos para a articulação de forças reacionárias, que utilizaram disputas do tipo para agir contra o conhecimento e, muitas vezes, fugir de informações verdadeiras que pudessem reduzir os impactos da pandemia tanto no que diz respeito à proteção à vida do ponto de vista objetivo, quanto do ponto de vista da subjetividade humana, observando que a crise da Covid- 19 também afeta a saúde mental das populações.

Dado o cenário político atual e comprometidas com o progresso social, a Rede de Ativistas pela Educação do Fundo Malala e suas organizações se articularam para desenvolver pesquisas no âmbito da educação de modo a ilustrar a situação em que se encontram diversas realidades sociais brasileiras em suas vulnerabilidades. Inspirado pelas raízes de Malala e Ziauddin Yousafzai como ativistas locais no Paquistão, o Fundo Malala estabeleceu em 2017 a Rede de Ativistas pela Educação (Education Champion Network) para investir, apoiar o desenvolvimento profissional e dar visibilidade ao trabalho de mais de 80 educadores

de dez países (Afeganistão, Bangladesh, Brasil, Etiópia, Índia, Líbano, Nigéria, Paquistão, Tanzânia e Turquia) que trabalham a nível local, nacional e global em defesa de mais recursos e mudanças políticas necessárias para garantir o direito à educação das meninas. No Brasil, a Rede é formada por 11 ativistas e suas organizações e implementa projetos em diversas regiões do país para quebrar as barreiras que impedem meninas de acessar e permanecer na escola, com foco em meninas negras, indígenas e quilombolas. O **Fundo Malala**, em parceria e convênios com essas organizações, manteve financiamento a projetos e pesquisas que possibilitam produzir informações sobre o panorama geral de populações vulneráveis e assim poder orientar ações políticas que atendam às necessidades de cada realidade.

O presente documento buscará, a partir do cruzamento de narrativas, orientar o/a leitor/a por meio dessas pesquisas e documentos de modo a divulgar conhecimento para embasar posicionamentos diante das vicissitudes sociais que abarcam a educação no contexto geral vinculado a pandemia da Covid – 19.

Antes de detalhar os dados levantados precisamos apresentar o conjunto de documentos elaborados por cada uma das entidades. São relatórios de pesquisa, análises etnográficas, pesquisas participativas, análise de dados públicos, guias, manuais, notas técnicas, censos, textos propositivos, entre outros. Estes documentos são importantes neste período porque **permitiram a observação e intervenção numa realidade bastante complexa, a de uma pandemia que aprofundou diferentes mecanismos de desigualdade e precarização na educação.**

A **Ação Educativa**, por exemplo, produziu, em conjunto com outras organizações, a nota técnica “A importância do novo FUNDEB para a garantia do direito à educação escolar indígena

e quilombola em territórios de vulnerabilidade social” (2019) abordando, desde a voz de meninas indígenas e quilombolas, a importância da destinação de fundos para a educação como forma de fortalecer direitos para estas populações no Plano Nacional de Educação. A demanda fundamental é a construção de um Fundeb com maior participação financeira da União que garanta as condições de implementação do Custo Aluno Qualidade Inicial (CAQi). Além disso, fez parte do grupo que produziu revisou e atualizou o “Manual de Defesa Contra a Censura nas Escolas” (2022, edição atualizada), uma resposta aos ataques conservadores direcionados aos princípios constitucionais da liberdade de ensino e do pluralismo de concepções pedagógicas e às normas educacionais, bem como à interdição do debate sobre igualdade de gênero, raça e sexualidade nas escolas. Trata-se de um amplo manual para auxiliar estudantes, professores/as, familiares e demais profissionais da educação a responder legitimamente às violências e ataques que eventualmente sofram no ambiente escolar e agir de forma mais abrangente em seu enfrentamento.

Já a **Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI)**, elaborou o “Diagnostico - Educação Escolar Indígena na Bahia na Perspectiva do projeto Cunhataí Ikhã”. O projeto implementado desde 2018 atende a quarenta e sete meninas indígenas entre 13 e 24 anos pertencentes a nove povos indígenas da Bahia: Kaimbé, Kariri, Pankararé, Pataxó, Pataxó Hãihãihãihã, Tupinambá, Tuxá e Tuxi. A partir do trabalho em eixos de pesquisa, formação e intervenção em campanhas, julgou-se necessária a elaboração do diagnóstico dada a escassez de dados qualitativos e quantitativos com recorte de gênero no âmbito da educação escolar indígena no estado da Bahia. A publicação tem três focos principais: “Direito dos povos indígenas: a educação escolar diferenciada versus realidade”; “Educação escolar indígena na Bahia no olhar das meninas na luta”;

“Educação escolar indígena na Bahia em tempo de pandemia da covid-19”. Apreende-se, para além da falta de dados públicos desta situação, uma realidade de despreparo do governo e agentes públicos para lidar com a população indígena, racismo estruturando políticas e também as demandas ativas das estudantes indígenas sobre como resolver os problemas apresentados.

Também combatendo a ampla falta de dados públicos, ainda mais em período pandêmico e negacionismos, a **Campanha Nacional pelo Direito à Educação** elaborou diferentes documentos, guias e dossiês sobre educação em seus diferentes aspectos. A série “Infâncias Invisibilizadas” debruçou-se sobre a realidade de diferentes infâncias e adolescências, compreendidos como sujeitos de direitos, em contextos divididos em eixos: em situação de rua; migrantes; residentes em territórios urbanos em zonas de conflito e violência; no sistema socioeducativo, em acolhimento e filhos de responsáveis encarcerados; da reforma agrária; da agricultura familiar; migrantes, quilombolas; e indígenas. Já os Guias Covid-19 foram um conjunto de publicações destinadas à comunidade escolar, famílias, assistentes sociais e demais profissionais do sistema de proteção da criança e do adolescente, poder público, eleitores, estudantes. Os guias tiveram objetivo de compilar informações, elaborar recomendações e orientar setores vinculados à educação sobre como garantir direitos da criança e do adolescente em contexto pandêmico e sobre o processo pós-isolamento. Os documentos trataram de temas diversos tais quais EaD, alimentação escolar, eleições municipais, boas práticas de proteção, Inclusão, volta às aulas, poder público, entre outras. Somando às informações diversas e segmentadas, a Campanha Nacional pelo Direito à Educação elaborou também documentos de análise crítica do contexto geral.

O balanço do Plano Nacional de Educação avaliou em que pé estão as metas do PNE, que não está sendo cumprido pelo governo. Os dois cadernos chamados “Não é uma crise, é um projeto: os efeitos das reformas do Estado entre 2016 e 2021 na educação” abordam como as reformas no campo da educação são parte de um projeto da elite para precarização do setor e como estas ações têm impactos com recortes de raça e gênero. Por fim, o documento à ONU, sobre educação de meninas, elaborado pela Campanha, com participação das organizações que compõem a rede de ativistas pela educação do Fundo Malala “Joint submission by relevant stakeholders in Brazil on the impact of the COVID-19 pandemic on the realization of the equal enjoyment of the right to education by every girl” realiza uma síntese das desigualdades de gênero na educação em contexto pandêmico mas também em sua dimensão estrutural para mulheres negras, indígenas, quilombolas e de áreas urbanas vulneráveis, finalizando com recomendações de ações para setor.

A **Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos - CONAQ** apresentou um conjunto de estudos sobre educação quilombola, com base no Projeto “Quilombos e Educação: Políticas Públicas e Práticas Pedagógicas”, que tanto analisou nacionalmente o setor com base no Censo Escolas Quilombolas e de pesquisa feita por docentes do Coletivo de Educação da CONAQ, como também fez estudo de caso sobre práticas pedagógicas e acerca da situação da educação e das escolas e nas comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas (Salgueiro - PE) e Mesquita (Cidade Ocidental - GO). Foi produzido o “Relatório - Análise sobre a Educação Quilombola e o Censo Escolar”, compilando e abordando dados sobre o número de quilombolas, docentes, discentes, quantidade, qualidade e localização das escolas quilombolas, assim como a resistência negra para a conquista destes direitos. Este

panorama possibilita a compreensão, diagnóstico e prospecção de como as comunidades quilombolas têm enfrentado os ataques antes mesmo da pandemia que aprofundou ainda as vulnerabilidades que já existiam nos territórios. Por outro lado os dados demonstram que, e simultaneamente, os quilombolas estão lutando para construir um outro horizonte de futuro para a educação em seus territórios. O que os dados demonstram é que a falta de investimento nas escolas quilombolas faz destas espaços com poucas oportunidades para as comunidades desenvolverem suas aprendizagens em condições dignas, sendo esta mais uma bandeira que a CONAQ vem enfrentando: lutar pela garantia do acesso e permanência dos estudantes quilombolas na escola e em condições dignas.

O **Geledés**, à sua vez, produziu trabalhos relevantes sobre educação. Primeiramente a pesquisa “A educação de meninas negras em tempos de pandemia: O aprofundamento das desigualdades” analisou, com base em dados da cidade de São Paulo, como o setor da sociedade mais prejudicado pelas estruturas da opressão passou pelo período do isolamento no que diz respeito à educação. Com base no recorte de raça e gênero, observou-se a situação anterior e durante a pandemia de Covid-19, a percepção de docentes, familiares sobre este processo e a atuação das organizações da sociedade civil. A partir daí, analisou-se como o aprofundamento das desigualdades educacionais se deu com meninas negras, compreendendo que os impactos da pandemia evidenciaram o cruzamento das questões de gênero e raça como determinantes das possibilidades e lugares distintos na vida em sociedade. Um conjunto de recomendações foi elaborado na busca da garantia dos direitos educativos das meninas negras. Elaborou o mapeamento de todos os projetos federais, estaduais e municipais que representam retrocessos na educação, com impacto direto sobre o ensino de gênero e liberdade sexual. Estes projetos estão

diretamente vinculados aos direitos educacionais, estando no centro da disputa pela liberdade na educação. E, por fim, “com a finalidade de contribuir com a compreensão sobre os limites para a participação plena da população negra na sociedade brasileira, apresentou um cenário sobre a posição de homens e mulheres negras nos indicadores socioeconômicos, assim como de violência, representação política e trajetória educacional”. Este último tema ocupa centralidade nas análises aqui apresentadas, em razão de processos em curso que ameaçam a constitucionalidade das cotas raciais no ensino superior público.

O **Inesc - Instituto de Estudos Socioeconômicos** fez análises também deste cenário, porém com ênfase à dimensão orçamentária. Em “A conta do desmonte - Balanço do Orçamento Geral da União 2021”, foi realizada uma análise orçamentária do ano de 2021, mas também dos três primeiros anos do governo Bolsonaro. Compreende-se aí que a política orçamentária deste governo teve como resultados o aumento das mortes na pandemia, da miséria, do desemprego e foi um ataque frontal de desmonte das instituições públicas federais. Percebe-se isso por meio da leitura do documento que passa pelo Panorama econômico e gastos com o enfrentamento à Covid-19, Saúde, Educação, Direito à Cidade, Meio Ambiente, Indígenas, Quilombolas, Igualdade Racial, Mulheres, Crianças e Adolescentes. O quadro geral apresentado é devastador para a população brasileira, pois compreende movimentos de desmonte do Estado, privatizações, fortalecimento do fundamentalismo, eliminação física de corpos que não pertencem ao projeto fascista e sua base política, drenagem de recursos orçamentários. No documento com dados sobre os orçamentos dos estados, “A Educação não Está Nada Bem!”, pode-se compreender

como estes números se traduzem na distribuição orçamentária regional da educação, pois são os estados entes responsáveis pelo ensino médio. A Educação perdeu 30 bilhões de orçamento nos últimos cinco anos, ou seja, está em processo de precarização. Um relato mais detalhado está no documento “A experiência do ensino durante a pandemia de Covid-19 no Brasil”, pesquisa realizada pelo Inesc e Instituto Vox Populi, nas cinco regiões do Brasil, com estudantes de ensino médio, que analisou também, tal qual outros documentos acima mencionados, como a experiência de ensino na pandemia de Covid-19 impactou estudantes e aprofundou desigualdades históricas, que recaíram, principalmente, sobre as meninas negras. As diferenças entre estudantes das redes pública e privada ficaram evidentes neste processo, com larga vantagem aos estudantes de escolas particulares. O ensino remoto foi realizado de uma maneira que, sem assistência, cuidado nem diversidade, prejudicou a educação como um todo.

A organização **Redes da Maré**, em seu eixo de educação, fez um estudo amplo e aprofundado sobre as dificuldades educacionais vividas pelas meninas estudantes do conjunto das dezesseis favelas da Maré, no Rio de Janeiro, no contexto da Covid-19. Na pesquisa “Educação de meninas e COVID-19 no Conjunto de Favelas da Maré” identificou-se, por meio de 28 perguntas em entrevistas individuais, as dificuldades vividas na pandemia relacionadas à falta de acesso à internet, falta de equipamentos adequados (computadores, celulares), dificuldades das escolas em adaptarem os conteúdos para o meio digital, falta de supervisão dos pais (para os menores). O fato é que a suspensão das atividades pedagógicas presenciais afastou a escola da vida de muitos estudantes moradores da Maré. E daí foram apresentados um conjunto de recomendações sobre como se poderia mitigar o impacto da Covid-19 na educação dessas crianças e adolescentes. Impactos esses que puderam ser

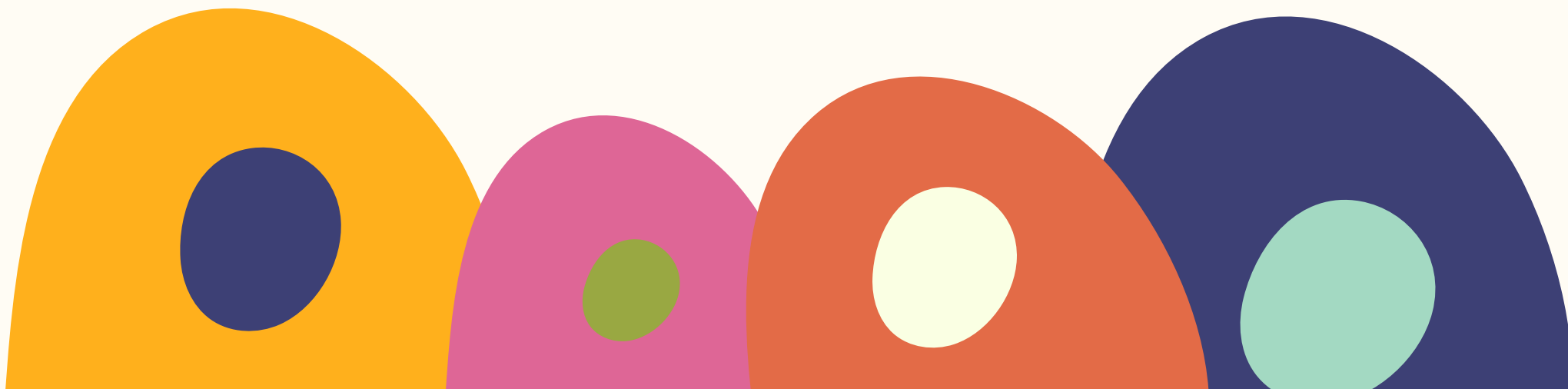
percebidos no estudo “Covid-19 e o acesso à educação nas favelas da Maré: Impactos nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio”. O documento reúne informações com início em março de 2021, com coleta de dados até setembro do mesmo ano. Por meio de um processo estruturado em três fases, com coletas de centenas de questionários a partir da escuta dos diferentes atores (estudantes, famílias e profissionais de educação), foi possível traçar um panorama da situação dessas etapas e identificar as principais demandas da comunidade. Abordou-se a relação com a educação antes e depois da pandemia, aspectos da aprendizagem, problemas do ensino remoto, impactos deles sobre professores e docência, o apoio familiar e a política educacional como um todo. Disso apreenderam-se também recomendações para a garantia do direito à educação em um contexto em que os anos finais do ensino foram duramente prejudicados, seja por quem se manteve em atividade escolar e também por quem evadiu. São elas: (1) Busca ativa de estudantes que não retornaram às aulas presenciais; (2) Reorganização do currículo para a recuperação dos conteúdos de 2020 e 2021; (3) Uso da tecnologia para inovação pedagógica; (4) Estratégias para maior participação das famílias no contexto escolar; (5) Criação de programas para cuidado da saúde mental da comunidade escolar; (6) Articulação de diferentes órgãos públicos para ações de preservação das unidades escolares.

O **Centro das Mulheres do Cabo** fez um “Diagnóstico Participativo sobre a Evasão Escolar das Meninas e Jovens Mulheres no município do Cabo de Santo Agostinho (PE)”, como parte de um projeto maior que está identificando as causas da evasão escolar das meninas; implementando um plano para aprimorar as políticas públicas relacionadas à promoção do direito à educação de meninas e jovens mulheres no Cabo de Santo Agostinho; estabelecendo alianças e parcerias com o poder público e organizações da

sociedade civil para enfrentamento coletivo da evasão escolar de meninas e para promoção de uma educação pública de qualidade, voltada para a igualdade de gênero e raça, focando suas ações em 4 escolas públicas do município. O Diagnóstico, em função da pandemia de Covid-19, foi feito em duas etapas: a primeira foi focada na identificação dos impactos da Covid-19 na vida das meninas e na garantia do direito à educação; a segunda realizou a seleção de 90 meninas que foram treinadas para aplicar pelo menos 270 questionários para coleta de dados sobre as causas da evasão escolar de meninas no município de Santo Agostinho, contribuindo assim com o fortalecimento da ação em Rede de Meninas Ativistas, que já estavam sendo capacitadas, em outras atividades do projeto, sobre os seus direitos e a relação de interdependência desses direitos para a efetivação do direito à educação, com equidade de gênero. Deste diagnóstico foram identificadas diferentes questões sobre

como a evasão escolar tem recortes de raça e gênero, -era grande antes da pandemia e se acentuou com ela-, tem vínculo com a precariedade da educação, da vida social de mulheres negras e, por isso, deve ser combatido por toda a sociedade.

Este conjunto amplo de documentos e pesquisas envolve dados muito diversos, sensíveis e importantes. Por isso convidamos vocês a navegarem conosco por parte destes documentos por meio de uma incursão literária com a Abimu, uma jovem negra, conhecida por ser uma estudante muito curiosa e comunicativa com todes da escola. Ela está em processo de vivência, leitura e análise destes documentos. Também está vivendo o dilema de seus primeiros dias de trabalho, em dúvida sobre a volta à escola e a evasão do ensino. Com ela navegaremos pelos enredos, tramas e personagens abordados nas pesquisas acima. Com ela também poderemos pensar outros enredos possíveis.





Abimu, acorda! Sua mãe já está irritada por você ter saído ontem e disse que se não quiser ir mais para escola ela não quer ter nada com isso.

Poxa, pai, eu estava sonhando. Já tem água no banheiro?

Sonhar futuro

A gente vive em uma comunidade onde a escassez de água é sempre presente. Vira e mexe ficam três quarteirões sem água. Penso até que mesmo morando na cidade parece que estamos em uma vila. **A favela recebe pouco auxílio do governo.** Óbvio que eu queria passar o dia inteiro ao menos uma vez na vida sem minha mãe ficar irritada porque é obrigatório ir para a escola. Ela já teve que responder no conselho tutelar as ausências do meu irmão. Ele não quis nem servir o exército. Eu sou menina e nunca ninguém me questionou a respeito do meu interesse na carreira militar. Parece até que essa carreira garante aos homens um futuro: se não morrer na guerra ganha um pedaço de chão do estado. Dois destinos só: a morte ou a terra. Sim, aprendi muita coisa.

Sinto aqui a obrigação de falar sobre meu sonho. Sinto também a vontade de me apresentar. Minha mãe me deu um nome africano: Abimu, que significa “rara” em uma língua que nunca aprendi inteira para conversar. Conheço somente alguns substantivos, cumprimentos e cantigas. Tenho 17 anos e, nessa pandemia, estou no início do ensino médio, sem saber quando essa loucura toda irá acabar... E se irá... A pandemia afetou muito os estudos aqui na minha comunidade, principalmente por causa do acesso à internet das meninas, onde **mais de 34% não tinha esse tipo de serviço disponível em casa.** Eu moro com minha mãe, meu pai, meu irmão e irmã, o que é bem tradicional por aqui, essa realidade se repete em mais de 30% das famílias... Sonhei com um lugar onde só havia mulheres. Dentro dele me lembrei de uma aula na escola que tive, onde uma professora disse para a turma toda como não participávamos das tomadas de decisões sobre as

leis e políticas públicas. Mas, nesse mesmo contexto, também havia mulheres em comunidades tradicionais que eram protagonistas do processo de organização daquele povo; que éramos todas necessárias, inclusive na guerra. Não havia guerra e nem conflito no meu sonho. O que tinha era um monte de mulheres. Não havia homens. Por um momento eu tive certa lucidez em compreender a respeito dessa estrutura de poder: se éramos necessárias nunca foi porque os homens poderiam ser desnecessários. Foi um sonho que me fez acreditar em novas formas de refletir a respeito do fenômeno humano. Sim. Eu estava preocupada com isso. E foi um homem: meu pai – que me acordou. E sim: não tinha muita coisa no meu sonho além de um monte de mulheres.

Sim. Posso ter aqui pensamentos e reflexões demais para a minha idade. Onde moro a maioria das pessoas mais velhas são analfabetas. **Acho muito ruim isso de limitar a inteligência ou a consciência ao analfabetismo.** “Por exemplo, quem é analfabeto não é inteligente”. Pois não, naquilo que acredito, o analfabetismo não tem nada a ver com inteligência. Veja: todo letramento, aparentemente, garante a cidadania e o dinheiro para o Estado e suas instituições preocupadas. Sim. Eu sou a garota do sim! De alguma forma, a partir do meu acesso à escola, aos livros e narrativas que me contaram, fui extremamente atenta. E talvez, da mesma forma, quis participar daquilo que era tão negado às mulheres na sociedade: a tomada de decisão. Na favela nunca vi isso. Minha mãe apita e o meu pai se cala. A mulher apita e o homem se cala. Vá render para a família! Dentro de casa, dentro de uma comunidade quem administra todas as estruturas, inclusive as emocionais, é a mulher. Ou como li dia desses em um livro: o feminino. Retire o útero da economia e só sobram os homens disputando as migalhas. Isso na comunidade. Eu sabia junto que isso era somente ali que acontecia. O mundo não era comunidade. O mundo era porta para

fora e da porta para fora era comum concluir que quem mandava eram os homens. Ou como li uma vez: o masculino.

Enquanto escovava os dentes com a água da caixa do quintal é que refleti sobre tudo isso. Estava intrigada com informações que li dia desses sobre o acesso à internet das meninas em idade escolar, onde mesmo quem tinha celular ou computador com internet esbarrava na baixa qualidade da conexão, sem falar nas dificuldades financeiras para pagar pacotes de dados que durassem até o fim de cada mês. Não à toa, **apenas 66,5% das meninas e mulheres matriculadas nas escolas conseguiam manter uma rotina de estudos em casa, sendo que somente 27,7% delas conseguiam estudar cinco dias ou mais por semana.**



Acordei atrasada, reclamada, puxada e, mesmo assim, feliz por achar que ainda seria possível sair no meio da rua sem máscara na pandemia, depois da galera da periferia estar toda vacinada e viva. Eu sou negra. Imagine as condições do meu bairro na periferia. Imagina quando que estiveram disponíveis para nós os antígenos... Soube desse nome quando li uma revista de ciências. A minha mãe dizia a respeito da situação que enfrentávamos na favela com aulas semipresenciais e através de plataformas virtuais:



- É uma sensação de abandono pela educação. Sensação de um ano perdido. Isso não foi pensado para uma criança de favela. A escola em nenhum momento fez contato com a gente. E descobri ontem que 26,6% das escolas daqui não estão oferecendo atividades remotas. Isso é muito grave!

Como medida de isolamento social em função da pandemia, nossas aulas presenciais foram suspensas naquele ano. A mais afetada aqui em casa foi a minha irmã mais nova, Zuri. E ainda sem acesso direito à internet fica fácil entender por que as crianças ricas, chamadas de classe A e B, conseguiam manter muito mais horas de estudos diários do que a gente. Basta olhar o documento desenvolvido pela instituição Redes da Maré que você descobre **que por mais que o número de adolescentes meninas entre 11 e 14 anos que possuem aparelho celular com internet é de 57%, mas esse não era o caso de Zuri.**

Ela tinha que usar o celular da minha mãe para assistir às aulas. Só que minha mãe trabalhava fora um período do dia e a gente não tinha dinheiro suficiente para comprar um aparelho decente para bichinha. Porque, sabe como é, né? Se a gente compra um que não tem muito recurso, não é possível nem acessar as plataformas direito, ainda mais que o serviço de internet das operadoras aqui na região é super precário. A gente até ganhou um notebook de uma amiga do meu pai, só que ele era uma carroça. Quisesse você fazer uma pesquisa às 14h tinha que ligá-lo às 10h. Com exagero e tudo. E fiquei muito triste em saber na mesma pesquisa que mais de 70% das meninas daqui não possuem um em casa. E que muitas delas não irão adquirir porque não têm recursos.

- Vocês não vão acreditar! Sabe que ontem, Zuri foi na escola pegar as apostilas. Só que eu achei um absurdo, porque eles esperaram esse tempo todo para dar quase meia tonelada de apostila para ela fazer. E o prazo é super curto! Ela tem menos de um mês! Eu não sei o que esse pessoal tá pensando. As aulas remotas já acabaram e ela ainda precisa ficar tirando atrasado, como se adiantasse alguma coisa. Imagina que situação mais desagradável: como é que uma menina de 11 anos vai assistir a uma aula pelo celular às 7h30 da manhã? Pra mim eles deveriam aprovar todo mundo! Ninguém tem culpa de nada disso. Mas todo mundo tem que pagar. Poderiam poupar pelo menos as crianças! Ou então vir eles aqui instalar internet boa e distribuir computador e celular para todo mundo, uai...

- Pois é, mãe, estava pensando nisso enquanto escovava os dentes... De um documento que li dias desses... Nem todo mundo se adaptou ao ensino remoto. Grande parte apresentou sérios problemas de aprendizagem porque não conseguiam se organizar e, sem organização como poderiam conseguir estudar se muitos não compreendiam nem o que era para ser feito? Eu acredito que pelo menos metade dos estudantes não aprendeu foi nada dos conteúdos nessa pandemia. E isso tudo porque a gente não tem como resolver os problemas econômicos de todas as famílias sozinhos.

- Eu só queria o celular que meu pai prometeu.



Na mesa do café da manhã havia uma cesta com pão que meu irmão comprou bem cedinho, uma margarina, a garrafa de café e o bule com leite. Fazia tempo que era isso que comíamos pela manhã. Que bom que tinha ao menos isso. Mas, eu nem achava aquilo um café da manhã direito. O que eu gostava era que sempre estávamos toda a família reunida. Meu pai foi demitido da empresa... Ficou 8 meses desempregado. Era triste saber que isso estava sendo comum na realidade do país naquele momento. De acordo com dados do IBGE, **o número de desempregados (desocupados) no país no terceiro trimestre de 2020 era de 14,1 milhões, correspondendo a uma taxa de desemprego de 13,1% para o mesmo período e a inflação, nome dado ao aumento dos preços de produtos e serviços, ao longo do ano foi de 4,52%**. Agradeço aos céus por meu pai ter conseguido emprego há duas semanas, porém, ainda não havia recebido esse mês. E quando receber já está tão endividado que provavelmente o nosso café da manhã será o mesmo. Minha mãe fazia trança, mas, com a situação da Covid ela perdeu várias clientes, porque tinha que se deslocar muitas horas e enfrentar muita crítica por estar quebrando o isolamento. Como se pobre tivesse condição de se isolar. Meu irmão conseguiu uma moto antes da pandemia e começou a trabalhar de motoboy. Acabou que ele foi a solução no orçamento da família... Eu, há duas semanas fui convidada por uma amiga para trabalhar na cooperativa Tempo de Marmelo, não recebo nem um salário mínimo, mas, ao menos não dou despesa em casa...

Outra informação que me preocupava era que de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC), em outubro de 2020, **o percentual de estudantes de 6 a 17 anos que não frequentavam a escola (ensino presencial e/ou remoto) era de 3,8% (1.380.891) – superior à média nacional de 2019, que foi de 2%**, segundo a Pnad Contínua. A esses estudantes

que não frequentavam, somam-se outros 4.125.429 que afirmaram frequentar a escola, mas não tiveram acesso a atividades escolares e não estavam de férias (11,2%). **Assim, estima-se que 5,5 milhões de crianças e adolescentes tiveram o seu direito à educação negado nesse período.** E ainda, segundo os dados apresentados pela pesquisa realizada pelo Data Senado, cerca de 20 milhões de estudantes tiveram aulas suspensas em julho de 2020, o que representa 34,78% do total de alunos matriculados na Educação Básica e Superior. Desses, cerca de 18 milhões estão na Educação Básica. Outros 32,4 milhões de alunos que tinham aula presencial passaram a ter aulas remotas, 3,7 milhões da Educação Superior e 28,6 milhões da Educação Básica. Cabe lembrar que os sujeitos a quem o Estado deve garantir o direito, para além dos que estão fora do sistema, compõem um contingente de 38.504.108 estudantes (Censo Escolar 2020), só nas redes públicas. Esses estudantes apresentam idades, perfis, condições e necessidades diversas que não podem ser legal e eticamente desconsideradas na implementação de um calendário letivo. **Esses sujeitos encampam dentre outros, os quilombolas, indígenas, povos do campo, povos da floresta, povos itinerantes e povos das águas, população ribeirinha e comunidades tradicionais.** E de 2018 para 2019, a pobreza (rendimento domiciliar per capita até R\$ 436) caiu de 25,3% para 24,7% das pessoas. Já a extrema pobreza (rendimento domiciliar per capita até R\$ 151) se manteve em 6,5% da população, em 2018 e em 2019, afetando mais da metade dos nordestinos e 39,8% das mulheres pretas ou pardas. **Entre 2012 e 2019, houve aumento de 13,5% na extrema pobreza. Eu achava tudo isso um absurdo!**



Taú, meu irmão mais velho me leva todo dia na parada de ônibus para eu tomar a condução e chegar à escola. Melhor eu me apressar, teve dia que enrolei e ele me largou para ir a pé... Nem pensar, hoje não!

Condução: trabalho ou escola?



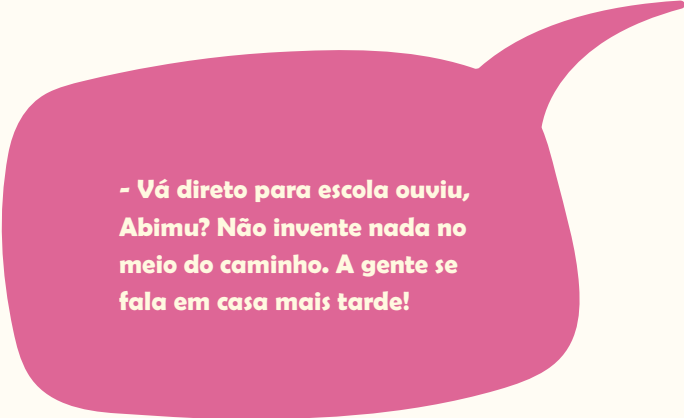
Meu irmão largou a escola com 19 anos de idade. Isso porque já vinha em distorção idade/série muito antes disso. Não conseguiu concluir o ensino fundamental e foi estudar no supletivo. Aí já viu, né? Quem evade da escola e vai estudar à noite é batata que tem uma chance enorme de não permanecer. A realidade costuma pregar peças nas pessoas que vivem em comunidades onde o índice de vulnerabilidade é muito alto. Primeiro, tem a questão da violência, que está associada à falta de segurança. O Estado, que diz estar aí para nos proteger, dificilmente cumpre esse quesito. Os jovens estão expostos ao policiamento todos os dias e é comum a máxima que eles primeiro fazem a ofensiva para depois perguntarem o que está acontecendo. O famoso “atira primeiro e pergunta depois”. Taú tem sorte por ainda estar vivo, já que grande parte de seus amigos de infância já se foram ou por causa de conflito entre eles mesmos ou por investidas da polícia na favela. **A meta de número 08 do Plano Nacional de Educação se compromete a elevar a escolaridade média da população de 18 a 29 anos, o que evidentemente não contemplou Taú.** Ainda mais que ele entrou em algumas atividades ilícitas e foi parar ainda muito novo nas medidas socioeducativas. **A maioria dos/as adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa são jovens do sexo masculino, com idade entre 16 e 17 anos e de cor parda/preta.**

40% dos adolescentes e jovens incluídos no sistema socioeducativo no Brasil foram considerados de cor parda/preta, 23% de cor branca, 0,8% de cor amarela e 0,2% da raça indígena. 36% dos adolescentes e jovens não têm registro de cor ou raça, sendo classificados na categoria “não especificado”.

Para mim tudo isso tinha a ver com um estudo que li onde descobri o termo “infâncias invisibilizadas”. O conceito de “Infâncias Invisibilizadas” foi uma escolha política e histórica diante da agenda da criança e adolescente no país, pois a invisibilidade revela um projeto de país que não prioriza grupos e segmentos de diversas infâncias. O Estudo reflete sobre crianças e adolescentes de diferentes contextos, elencados em 8 eixos: em situação de rua; migrantes; residentes em territórios urbanos em zonas de conflito e violência; no sistema socioeducativo, em acolhimento e filhos de responsáveis encarcerados; da reforma agrária; da agricultura familiar; quilombolas; e indígenas.

Quando a pandemia começou a dar uma pequena trégua nas mortes causadas pelo vírus após as vacinas, Taú já não acreditava mais na escola. Na opinião dele o mais importante era recuperar o tempo perdido, arrumando um trabalho para ajudar nas despesas de casa. Conseguiu juntar um dinheiro trabalhando como caixa de supermercado e deu entrada em uma moto. Desde então, trabalha dia e noite fazendo entregas como motoboy. Eu acompanhei esse processo de perto e pensei bastante sobre abandonar a escola também para trabalhar. Não via perspectiva não fosse o meu esforço colossal em conseguir continuar aprendendo alguma coisa. Eu sabia que grande parte dos estudantes não estava aprendendo era nada. Ainda mais que a partir da leitura que andava fazendo eu a cada dia descobria que existe mesmo é um processo que garante a nossa invisibilidade, pois a negligência do Estado não é apenas

descaso, mas consiste em uma estrutura que deliberadamente, por sua história e pela formação da sociedade brasileira, com base no trabalho escravo e na eugenia, **opta por excluir e explorar o trabalho dos pobres e pretos**. Essa mesma sociedade também opta pela manutenção das desigualdades sociais para benefício próprio, que, resumido de maneira mais simples, significa a manutenção de seus privilégios de cor, de classe e de gênero, como consta no documento “Adolescente em Medida Socioeducativas”, coordenado pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação.



- Vá direto para escola ouviu, Abimu? Não invente nada no meio do caminho. A gente se fala em casa mais tarde!

Não tinha muita gente na parada. Mas, só de observar o pessoal eu fiquei imaginando quantas daquelas pessoas, que aparentemente tinham entre 25 e 40 anos de idade, estavam esperando ônibus para ir estudar naquela hora da manhã. Mas, era melhor eu parar de imaginar, pois senão iria perder o ônibus. **Entrei e por sorte ainda não estava lotado como é costumeiro**. Fui até o fundo buscar um assento:

- Abimu? E aí, como tu tá? Quanto tempo, hein?

- Rogério! Tem tempo mesmo. Eu tô bem. E você o que me conta?

- Ah, continuo na correria sem fim. Tu sabe que agora estou estudando à noite, né? Não consegui acompanhar essas aulas virtuais não. Minha vida tava uma loucura. Lá em casa a gente tava precisando de mais dinheiro e consegui um trabalho na oficina do Seu Nivaldo. Lembra dele?

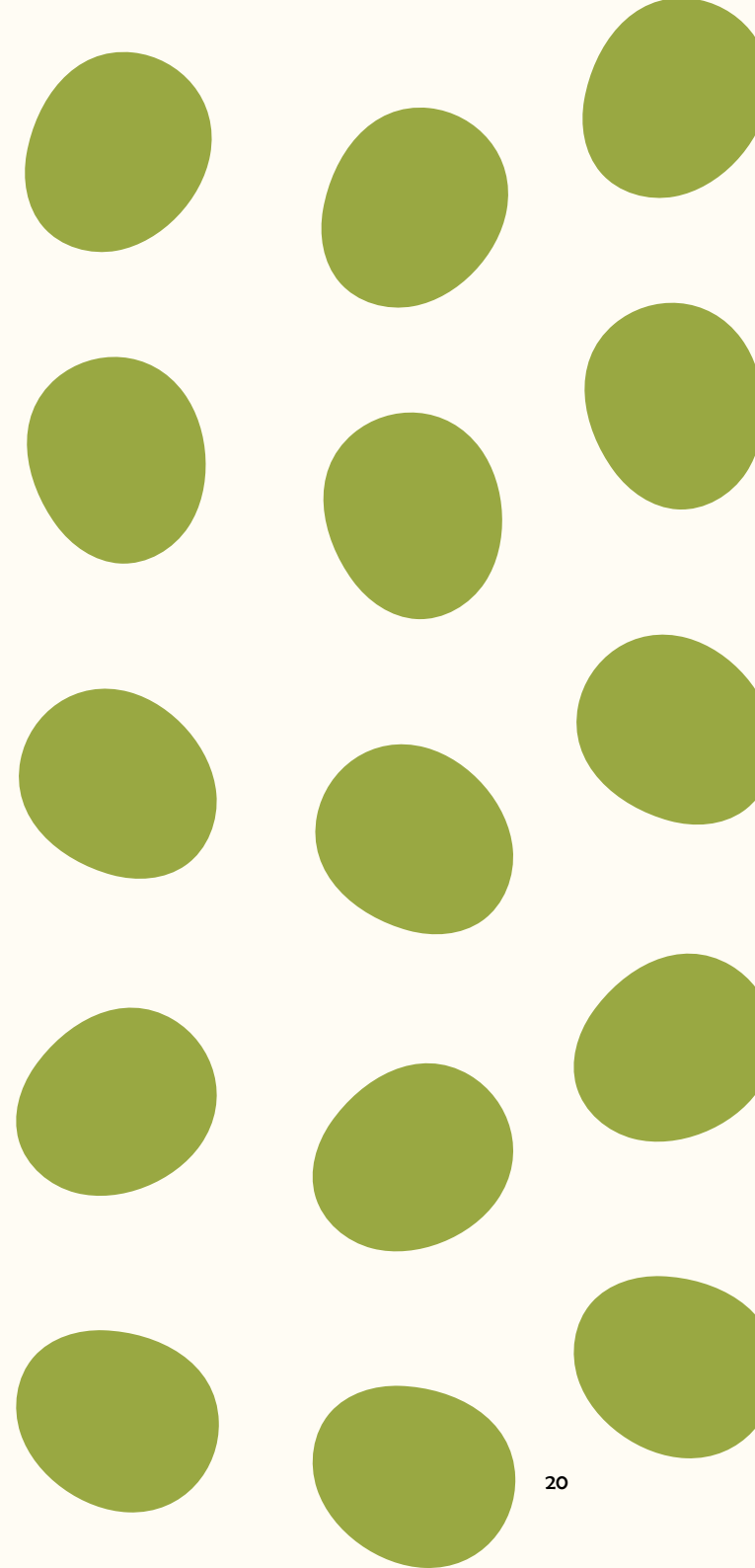
- Nossa, lembro sim! Que bom que tá trabalhando. Espero que esteja sendo muito bom pra tu.

- Pois é, está sendo bem bom. Comecei a fazer um curso técnico de mecânica e ando evoluindo bastante. Meu sonho é daqui a 3 anos abrir a minha própria oficina. E sua mãe, seu pai, como estão? Todo mundo bem?

- Todos estão bem. Apesar dos pesares.

Rogério é um amigo de infância que como Taú evadiu da escola para conseguir emprego. A escola aparentemente não é um lugar muito convidativo e nem acolhedor. Não garante a ninguém da comunidade um trabalho decente porque em geral todo mundo a abandona antes mesmo de reconhecer a sua importância. Ainda mais com essa reforma que foi feita no Ensino Médio. Ouvei de um professor da USP que essa reforma representa é uma “volta ao passado”, no sentido de retrocesso para a educação pública brasileira, pois ela faz com que os/as estudantes sejam divididos entre aqueles que vão ter acesso a um ensino propedêutico e aqueles que vão ter acesso a um ensino técnico de baixa qualidade. **Ou seja, na prática, o novo ensino médio “empurra” os/as jovens com menor renda para carreiras de subemprego, enquanto os/as mais ricos/as poderão focar os estudos nas áreas que desejam.** Definitivamente ele tem razão.


Todas essas informações entram na minha cabeça de modo muito negativo. Eu fico muito propensa a não mais acreditar que somente com o meu empenho eu possa conseguir emancipar e garantir uma vida mais digna nesse mundo tão segregador. Ainda mais que sou negra oriunda de uma comunidade periférica, habitada pelas classes populares e considerada pelo território dominante como lugar onde a população carece de bens materiais e simbólicos culturais. Somos julgadas como marginais e perigosas, somos estigmatizadas. Esse pensamento dominante torna problemática a formação da subjetividade das crianças nas favelas e o acesso às cidades, que, sob uma concepção colonizadora, **nos transforma em sujeitos invisíveis aos nossos direitos.**



- Poxa, Rogério, terei que descer na próxima. Te desejo tudo de bom! Que seus sonhos se realizem e que consiga tudo o que deseja.

- Obrigado! Eu também te desejo o mesmo! Não sei porque, mas, em nossa conversa te senti um tanto entristecida e avoada. Deve tá sendo difícil. Quero que você saiba que eu não desisti da escola. Somente tô pegando um atalho e se tudo der certo irei terminar o ensino médio até o ano que vem. Espero que a gente possa se encontrar novamente antes disso. Não costumo pegar esse ônibus todo dia, mas, podemos combinar! Pega meu número. Mande um zap que eu te adiciono e a gente continua mantendo contato.

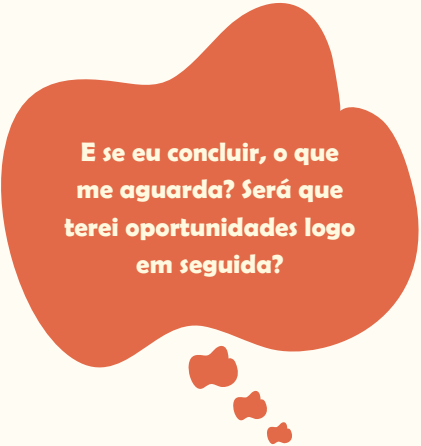
No caminho para escola fiquei imaginando:



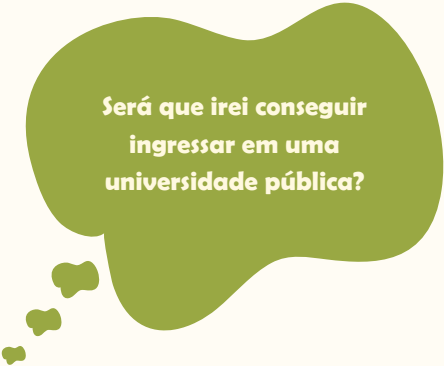
Será que Rogério irá conseguir mesmo terminar o ensino médio?



E se ele concluir o que vem depois?



E se eu concluir, o que me aguarda? Será que terei oportunidades logo em seguida?



Será que irei conseguir ingressar em uma universidade pública?

Nossa, são muitas questões que comprometem o meu futuro, comprometem o futuro da minha família, e ainda, comprometem o futuro da minha comunidade e do país.

Sou moradora de favela, quantas não existem pelo Brasil afora? Cada um com formas diferentes de organização socioespacial, marcadas pela negligência do Estado, com efeitos sobre a sua infraestrutura que oportunizam a formação de facções criminosas e outros problemas que tornam cada local único e, por esse motivo, **caracterizado por demandas específicas**. Em geral, a população é negra, um povo empobrecido historicamente por um colonialismo escravocrata que não produziu apoio à população após a libertação dos escravizados e não realizou políticas públicas voltadas ao crescimento desenfreado das cidades, que é fruto de uma migração interna em busca por oportunidades em termos de trabalho e renda. **É o racismo estrutural, como decorrência da própria estrutura social**. Essa população, por ser negligenciada pelo poder público, não tem acesso de qualidade aos equipamentos públicos, como educação, informação, saúde e segurança. **O pouco investimento territorial e o não reconhecimento dos direitos desses locais sustentam a estagnação dos moradores há gerações**.

Definitivamente, estou um tanto sem fé nesse momento. Espero que com o passar do tempo e a minha dedicação eu consiga uma luz no fim do túnel para manter a esperança de que um dia poderei almejar melhores condições físicas e psicológicas até conseguir respostas a tantas perguntas fundamentais.



Aprendendo com os corredores...

- Corre menina! Não fosse por ti eu já tinha fechado esse portão! Mas tu merece Abimusingha!

- Não fosse por nós esse portão nem abria, seu Virgílio! Obrigado pela força meu parceiro! Tu sabe que estou no corre mais cedo que quase todo mundo para chegar aqui né?

- Não mais cedo que eu! Não mais cedo que eu...

Vocês viram: meu pai me acordou cedo antes do sonho dar a primeira volta; meu irmão atropelou meu lanche para levar para a parada de ônibus; o baú não estava tão lotado e nem pegou tanto engarrafamento. **Ainda assim estou chegando mais uma vez atrasada na escola.** É quase todo dia assim, não importa o que eu faça, não importa o corre que eu dê, a escola fica cada dia mais distante, me cobrando mais tempo e...

- Bora Abimu! Tamo te esperando para começar a pesquisa! Temos mais 60 questionários para passar hoje na escola!

- Tô indo 'professandra'! Mas porque a galera não começou já a passar?

- Você que é a coordenadora focal de pesquisa, Abimu. Sem você o nosso projeto não anda! sabe da sua importância e do valor que damos a você, não me venha de sonseira não. Se eu começar as atividades aqui a turma que está contra mim vai chiar. Nós aqui estamos na crise braba!

Essa fala dela me pegou. A professora está passando altos barracos aqui, gente querendo acabar com ela. Mas ela não desiste, fico impressionada com a coragem. Pouca gente vê. Como diz o Manual de Defesa Contra Censura em escolas, não se tem a nítida dimensão das ações de censura, intimidação e perseguição individual a profissionais da educação no Brasil. Quantas professoras e professores já receberam ameaças na forma de notificações extrajudiciais, sem saber que elas não têm qualquer efeito jurídico? Quantos replanejam as suas aulas de Ciências para não ter “problemas” com as crenças religiosas das famílias de seus alunos? Quantos já deixaram de chamar as coisas pelos seus nomes: ditadura, tortura, gênero, racismo, preconceito de classe, LGBTfobia, machismo, lutas sociais?



Aqueles que ameaçam escolas e profissionais da educação sabem perfeitamente que a estratégia de aprovar leis que regulamentam a censura nas escolas é uma forma de desconstruir a docência como atividade intelectual. **Não podemos nos deixar convencer de que a atividade docente é simplesmente um trabalho burocrático de “transmitir” conteúdos apolíticos para serem “absorvidos” por estudantes, conteúdos submetidos às doutrinas políticas e religiosas dos grupos ultraconservadores.**

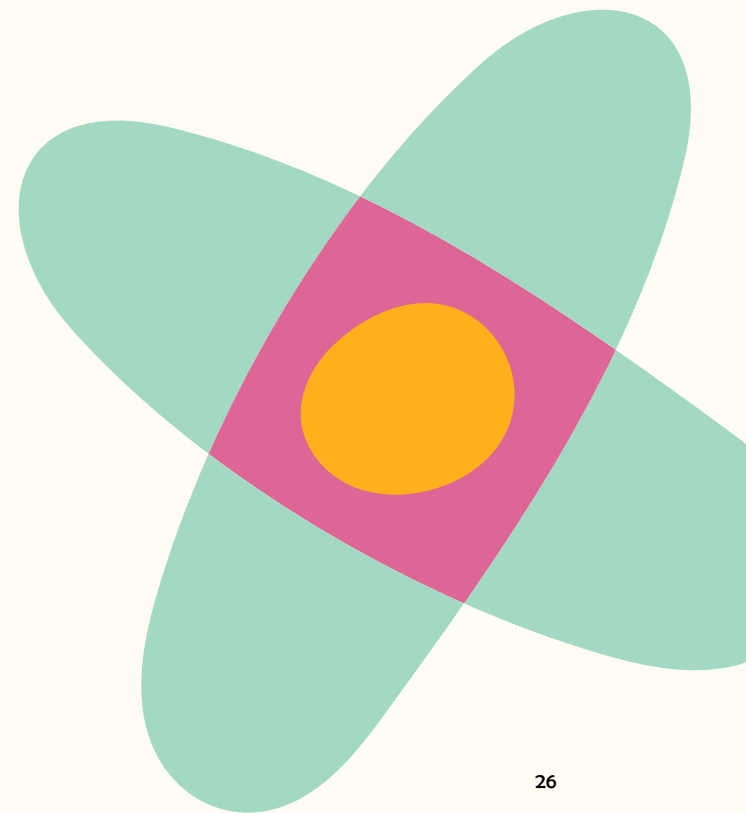
- Não é crise não, professora. É o projeto DELES! O projeto de acabar com nosso ensino, nossa educação, nossa escola. A galera da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação deu essa letra e eu concordo. Os nossos inimigos invisíveis estão atacando a educação todo dia, de todas as formas. O meu atraso para chegar na escola hoje é parte disso. Você estar sendo perseguida é parte disso, aliás. Tu lembra aquele levantamento do Geledés? Tem mais de dezena de projeto conservador para restringir nossa educação, para não deixar a gente falar de racismo, machismo, LGBTQIA+fobia. O lado deles não está parado.

Atualmente existem cerca de 230 leis aprovadas ou projetos de lei em tramitação em municípios e estados, inspirados em propostas do Escola sem Partido e nos movimentos antigênero, segundo levantamento atualizado em 2020, financiado por Sinasefe, Fasubra e Andes-SN como parte das atividades da Frente Nacional Escola sem Mordaça.

- Belo papo mocinha, mas para de digredir. Nós estamos precisando é do seu comando. Vamos começar ou não? O pessoal está ali na sala sete esperando você.

Fechei o bico e fui. Ela está certa, não é culpada pelo meu atraso. Estamos num projeto muito importante, que montamos, sobre a qualidade da educação em nossa escola. Passamos por treinamento, definimos a metodologia, elaboramos um questionário, escolhemos quem da comunidade escolar seria entrevistada. Levantamos altas histórias. Para fazer a pesquisa, juntamos nossa turma na escola. Somos uma galera bem diversa: tem eu e a Virgínia, pretas faveladas; tem a Bartira, que é indígena; Virgínia também é lésbica; Dandara bissexual e Felipa é trans...

Enfim, **juntamos uma galera que a escola insiste em não dar visibilidade.** Todas se juntaram porque passamos um perrengue enorme no isolamento da pandemia. Ficamos completamente prejudicadas com o ensino remoto. Tínhamos pouca internet, a escola dava aulas de forma genérica onde não éramos abordadas, ouvidas, estimuladas. Estávamos com problemas financeiros em casa, na rua, no bairro. Várias outras amigas nossas tiveram que largar a escola para trabalhar, outras engravidaram, outras simplesmente sumiram. Nossa educação ficou pior nesses últimos anos, voltamos à escola para estudar e por saudade.



- Olá amigas! Vamos fazer a pesquisa pela escola e arredores hoje né? Lembrem-se! Temos que passar esse questionário para toda comunidade escolar: professores, professoras, estudantes, vizinhança, pais, mães, irmãos. Não vamos esquecer também do povo da rua: se for possível conversar com pessoas em situação de rua que estão aqui pela região, vamos nessa!

- Amiga, até aí tudo bem! O meu problema é mais sobre como abordar o pessoal. O que a gente pergunta para eles?

- Ué amiga, exatamente o que está no questionário que elaboramos! Lembra das perguntas que fizemos? É só perguntar e ir anotando... Nossas questões são sobre como foi a experiência de ensino na pandemia, se conhecem pessoas que evadiram da educação na pandemia, se tiveram dificuldades de ensino e aprendizagem no processo. Aquelas coisas que elencamos.

- Não, tá, beleza. Isso eu sei. Eu queria saber era sobre como abordar as pessoas, como dialogar com elas se elas viessem de preconceito conosco.

- Mete o coração e vai. Não temos tempo para essas besteiras alheias.

O questionário foi realizado, passando por várias pessoas em várias funções. Depois passamos a analisá-lo. As respostas pareciam óbvias, e juntamos elas em algumas categorias. Fizemos um relatório que segue abaixo, com um resumo dos dados e alguns depoimentos que achamos interessantes.





Relatório da pesquisa de educação meninas malala

Realizamos durante duas semanas um processo de pesquisa baseado em questionários e entrevistas feitas com diferentes agentes da comunidade escolar. Colhemos um amplo conjunto de dados e de informações, as quais sintetizamos em categorias conclusivas e alguns depoimentos anônimos que lançamos abaixo. O relatório geral pode ser encontrado em documentos do Inesc, Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Redes da Maré, Ação Nacional Indigenista, Conaq, Geledés, Organização de Mulheres do Cabo, Ação Educativa.

Sobre o perfil geral de Estudantes

A maioria das estudantes das escolas públicas são meninas negras e suas famílias estão entre as mais pobres da sociedade. Por isso elas tem que trabalhar para sobreviver. **E o trabalho é um dos principais motivos para estudantes pararem de estudar.** Enquanto a maior parte das famílias cujos adolescentes frequentam escola pública possui renda entre 0 e 2 salários mínimos, as famílias

dos adolescentes das escolas privadas situam-se entre 3 e 5 salários mínimos e acima de 5 salários mínimos.

O número de estudantes de ensino médio que estudam e trabalham é considerável nas duas redes; **contudo, na rede pública, é mais expressivo (37,1%) do que na rede privada (24,9%).** Além disso, como a rede pública é muito mais numerosa, em termos absolutos, **são cerca de 2,4 milhões de estudantes da rede pública que estudam e trabalham e 241 mil da rede privada.**

“A escola em nenhum momento fez contato com a gente. (...) Então, ela tem estudado por conta própria. (...) Ninguém veio dar nenhum tipo de retorno ou perguntar como está.”

“Foi difícil, muito difícil para minha filha acompanhar esses estudos on-line. Ela, no começo, até acompanhou algumas matérias, mas não estava mais conseguindo dar conta, porque a gente não tem uma internet boa.”

Impacto da Covid na Educação

O ensino remoto foi de médio a ruim. A falta de equipamentos, as condições precárias de estudo e a falta de metodologias adequadas fizeram com que a muita gente tenha estudado menos tempo remotamente do que estudava quando era presencial: **73,5% dos estudantes da rede pública entendem ter estudado menos horas na modalidade remota.** Além disso,

muita gente teve que trabalhar em casa ou na rua durante a pandemia e, quem ficou em casa, teve que aguentar o perrengue de todos os irmãos estarem sem alimentação da escola, **o que aumentou muito a fome no Brasil todo!** Junto disso tem todos aqueles problemas emocionais enfrentados no contexto da covid: medo, ansiedade e dúvidas foram a tônica de geral.

Cerca da metade das meninas (47,2%) deixou de ser beneficiada com alimentação escolar durante a pandemia, o que é particularmente dramático em um momento no qual o País convive com mais de 19 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar grave; 15,5% receberam o benefício de forma irregular e **somente 37,4% foram contempladas com a merenda de maneira regular.**

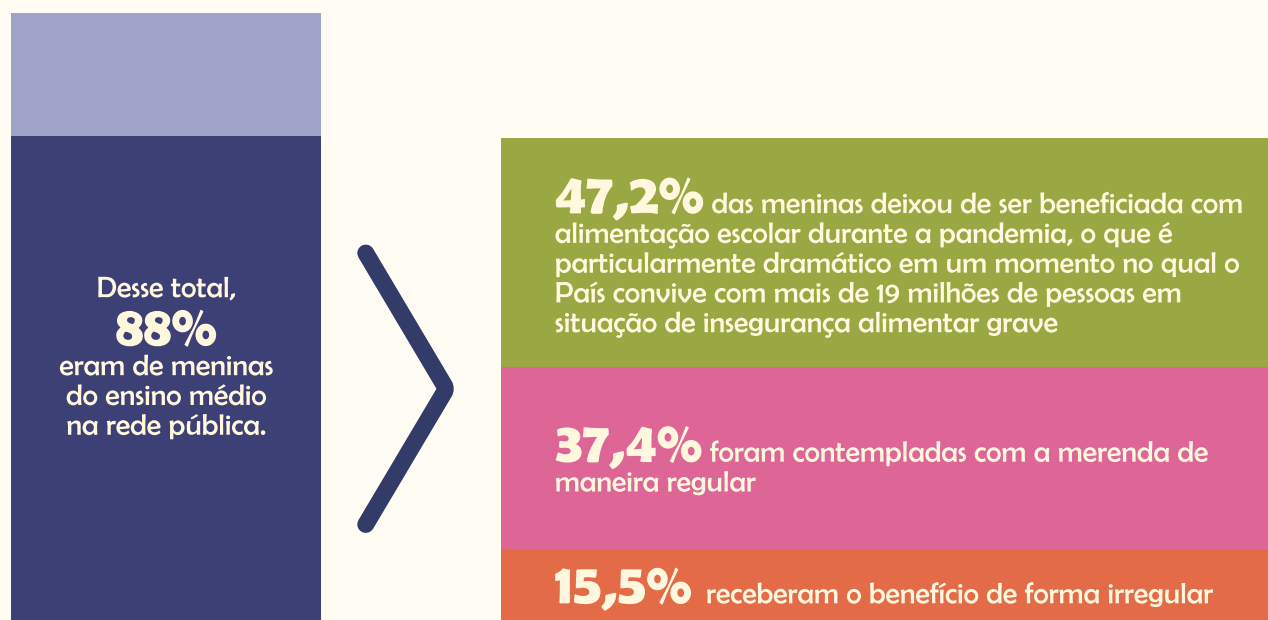
“Ontem ela foi lá na escola pegar as apostilas, só que eu achei um absurdo, porque eles esperaram novembro para dar quase meia tonelada de apostilas para ela fazer, e ela tem que entregar até o dia 27 de novembro.”

“Foi muito complicado no início para ela entender a nova forma de estudar e a grande demanda de coisas para fazer em casa com auxílio não mais da professora, mas agora puramente dos familiares.”

Situação de meninas negras, indígenas, periféricas

A maioria de nós empobreceu durante a pandemia e várias abandonaram os estudos. Mesmo quando tínhamos acesso ao ensino remoto faltavam equipamentos tipo os microfones, câmeras, tablets etc. Vamos dar a real: estudar em casa é muito ruim! Tem vários correos para resolver e não dá para concentrar nem socializar com as amigas. Sozinhas e com muitas responsabilidades, fica muito difícil lidar com nossas emoções, dores, sofrimentos. Aí, agora, quando fomos chamadas a voltar para a escola, muita gente ficou com medo de pegar covid, ficou estranho reencontrar as pessoas com aquele medo e vontade louca de se abraçar.

Os dados revelam uma presença elevada de adolescentes pretos entre os que não estudam: **16,7% para os meninos e 19,7% entre as meninas**. Esses percentuais são mais do que o dobro do observado na população brasileira, na qual a proporção de pretos é de pouco mais de 7%. Vê-se como os mecanismos de discriminação racial operam, excluindo proporcionalmente mais os negros do acesso ao ensino. **Em 2021, o Brasil conta com 3.764.193 meninas com idades entre 15 e 19 anos que cursam o ensino médio ou deixaram a escola a partir de 2020.**



“Há falta de motivação de assistir às aulas pelo computador, pois as aulas acontecem a partir das 7h30 da manhã. No início, ela se deitava no sofá e dormia no meio da aula. Minha estratégia foi ficar no mesmo cômodo que ela durante toda a aula ou conferir constantemente se estava tudo ok.”

“Se você tem mais de um filho e essa criança demora a pegar o vídeo, demora para receber o conteúdo, demora para receber a matéria, o outro vai demorar também, vai ter que esperar essa criança acabar para poder fazer.”

O que pudemos perceber neste questionário é que **a experiência de ensino durante a pandemia foi muito prejudicada**, como já disse o Inesc. Observamos também que a falta de recursos para educação é uma realidade que só cresce. **A cada ano perdemos recursos para a educação, menos dinheiro para a escola, mais precarização.** A Ação Educativa deu ideia de que o certo era destinar as verbas do FUNDEB com enfoque na população negra e indígena. São quatro caminhos principais que eles elencaram:

1. Reconhecer Arranjos de Desenvolvimento da Educação, Consórcios Públicos Intermunicipais e Territórios Etno-educacionais como instâncias públicas para acesso aos recursos do Fundeb;

2. Corrigir os fatores de ponderação das modalidades educação escolar indígena e quilombola e da educação no campo, equiparando-as e assegurando-lhes uma diferença positiva de pelo menos 50% em relação ao valor aluno-ano de referência, até que sejam compatibilizadas com os custos reais pela implementação do CAQ (CAQ modalidades).

3. Estabelecer mecanismos complementares de correção de desigualdades intrarredes de ensino e intermunicípios, estipulando recursos adicionais para escolas situadas em territórios de baixo índice de desenvolvimento humano e/ou alta e altíssima vulnerabilidade social, e em territórios indígenas ou quilombolas, ou com significativa matrícula dessas populações (Adicional CAQ).

4. Fortalecer a transparência e o controle social da aplicação dos recursos por etapas, modalidades de ensino e escolas, na perspectiva da superação das desigualdades educacionais, do aprimoramento do gasto educacional, do fortalecimento da gestão democrática em educação e da implementação da LDB alterada pela lei 10.639/2003 e 11.645/2008.

Essa pesquisa foi uma das coisas que me manteve na escola. Eu, tem algum tempo, estou pensando em seguir carreira de trampo, dar mais função em casa. Estou querendo seguir a vida, ter meu trampo, fazer eu mesma meu caminho de conhecimento. **Essa pesquisa, essas meninas, essa professora, foram minha rede de apoio para o retorno às aulas.** Mas, sei lá, hoje eu começo meu primeiro dia de trabalho logo após a aula. Vamos ver o que vira hoje à tarde, pela noite eu decido.



Coopera que vai

Faz mais ou menos duas semanas que Eliomara me convidou para participar de uma ação em sua comunidade na Cooperativa Tempo de Marmelo. A conheci quando visitei uma escola quilombola ano passado. Disse a respeito do meu interesse em relação às comunidades negras rurais e da minha pouca ou nenhuma ligação com a terra, que me deixava entristecida por não conseguir traçar uma trajetória bem definida sobre os meus familiares. **Quem foi a minha tataravó? Sentia que provavelmente ela não morava em uma cidade. Talvez não fosse livre e era mantida em cativeiro, mantendo trabalho forçado na senzala. De repente, conseguiu um acesso à casa grande. Casou-se com algum homem branco, o que duvido muito. Seu nome...** Essas coisas me intrigavam e como minha mãe tem um sangue guerreiro e conhecia e nasceu dentro de um terreiro de candomblé eu fico imaginando a partir de quando passamos a perder de vista nossa genealogia. Só que meu trabalho na Cooperativa nada tinha a ver com minhas elucubrações pessoais. Minha função era receber e encaminhar alimentos que vinham das lavouras. Pessoal que vivia do campo e mantinha ali no único prédio de toda a comunidade um depósito para controle da produção e para a distribuição àqueles que não podiam trabalhar por idade ou por algum motivo outro. Também organizava os excedentes que seriam encaminhados e vendidos por camponeses nas feiras de domingo em municípios vizinhos ou pequenos vilarejos.

- Boa tarde, sócia! – Era assim que Eliomara me chamava... O que causava em mim uma espécie de pertencimento e me fazia sentir acolhida.

- Boa! Já tô indo lá para trás organizar as caixas e listar o que tem e o que não tem para hoje, viu?
- Acalme-se, querida. Hoje vou precisar de você para outra atividade. Vejamos como estão os seus conhecimentos a respeito das comunidades que a gente tem acesso. Você leu os documentos que eu te encaminhei por e-mail?

- Li sim senhora. E acredito que estou por dentro deles, viu? Achei muito importante e legítimo que existe uma instituição como a CONAQ que insiste com competência e estratégia qual o melhor caminho para a garantia de direitos das comunidades negras rurais. Em particular, eu amei descobrir tantas informações a respeito de como anda a educação dessas comunidades. Principalmente, porque não percebi uma diferença muito grande em relação aos dados urbanos.

- Como assim, querida, diga-me o que lhe ocorreu?

- Assim, não sei muito a diferença de um município localizado no interior para uma comunidade quilombola do ponto de vista dos dados coletados por meio de pesquisas. Por exemplo, no documento intitulado Projeto Quilombo e Educação ficou concluído que as escolas quilombolas em nível nacional estão no mesmo patamar de alguns municípios da região norte e nordeste em relação à baixa existência de sala de leitura ou biblioteca. É a representação espacial de como as escolas quilombolas são priorizadas no investimento educacional, mesmo com recursos diferenciados garantidos no orçamento da educação. Porém, os índices de evasão escolar, principalmente no que diz respeito às jovens mulheres são praticamente os mesmos e muitas vezes essas jovens mulheres evadem pelo mesmo motivo, quais sejam, quantas delas trabalham para sustentar a casa? 31,3% responderam positivamente o que pode ser considerado um percentual bem significativo de busca pela sobrevivência e possível causa do abandono escolar, isso no documento intitulado Meninas em movimento pela educação desenvolvido pelo Centro das Mulheres do Cabo; mais de 70% dessas jovens mulheres são negras, o que podemos observar também em relação às mulheres quilombolas. Podemos salientar, que tanto em um lugar quanto em outro, essas jovens mulheres sofrem violência física, violência psicológica, maus tratos e abuso sexual. Eu imagino como é que essas pessoas podem ter disposição para a escola sofrendo tanto.

- Ah, sim. Compreendo a sua questão. Principalmente em relação ao documento que trata a respeito das meninas no Cabo de Santo Agostinho. Para o Centro de Mulheres do Cabo e o Fundo Malala, o direito à educação de meninas e jovens mulheres tem interdependência e complementariedade com outros direitos, e como a questão dos direitos sexuais e direitos reprodutivos dessa população tem ligação direta com a oferta de um serviço público de saúde acessível e de qualidade para as meninas e jovens mulheres, pois muitas delas abandonam a escola por conta de gravidez, seja ela desejada ou não. Imagino que você tenha reparado nisso e traçou o paralelo que também deve ocorrer com as meninas quilombolas.

- Sim. Outra coisa que me chamou a atenção é o fato de que por mais que tenhamos uma quantidade de professores significativa atuando em comunidades de alta vulnerabilidade social como quilombos e municípios com precariedade de recursos e, por mais que tenhamos um número de escolas até grande nesses territórios e, apesar do crescimento da quantidade de escolas da educação básica em área quilombola na maioria dos estados brasileiros, da quantidade de matrículas e do número de docentes nessas escolas, cabe destacar a limitação no acesso à formação continuada vinculada à história e cultura das comunidades. Eu fico imaginando como professoras e professores podem auxiliar seus alunos e motivá-los para enfrentar o cotidiano e a sociedade, sendo que nem elas e eles próprios possuem formação especializada a respeito da comunidade em que atuam.

Foi eu terminar de fazer essa fala que apareceu Soares na porta do prédio. Já havia se passado uma hora desde que cheguei e não tinha feito ainda nada do trabalho que tinha para realizar. Soares é um adolescente de 16 anos que mora com a família no campo e esse era um perfil que também se encontrava nos documentos que Eliomara me deu para investigar.

Como estava com a mente borbulhando quis saber de tudo da vida dele e cruzar as informações com aquilo que li. O menino trabalhava no transporte de alimentos, levava a produção para a cooperativa e eu organizava para a distribuição na comunidade.

- Boa tarde, pessoal! Chegou aqui o caminhão. Meu tio está com um pouco de pressa. Será que estou atrapalhando em alguma coisa?

- Nada, Soares, mas, olhando aqui o rosto de Abimu acredito que ela quer dar continuidade às reflexões que andamos tendo e que você pode ajudar. É uma pena que esteja com pressa, mas, vou ali conversar um pouco com seu tio e dialoguem aí entre vocês. Essa menina é uma peça rara e com certeza vai conseguir te deixar à vontade com o papo. Boa tarde.

- Soares, deixa eu te perguntar... Ainda bem que você chegou porque estou com algumas preocupações e quero tirar algumas dúvidas contigo. Opa, desculpe, boa tarde para você também.

- Opa, Abimu, diga lá!
Você sempre cheia dos
pensamentos, né?

- Pois é, não consigo... Tudo me causa interesse nesse mundo. Principalmente, quando se trata de cenários que observo e as contas não fecham. Mas, diga: como está você na escola nesse momento delicado da pandemia?



- Poxa, não tive como, Abimu, saí da escola para ajudar na renda lá em casa. E você sabe, né? A gente não tem internet e com essa história de estudo remoto acabou que não consegui acompanhar as aulas, e acabou também que não tive a menor paciência para ficar resolvendo apostilas com exercícios. Um professor ali na sua frente faz uma diferença muito grande, né?

- Pois é, tive acesso a um documento que Eliomara me passou, que retratava exatamente isso. O nome dele é Infância e Adolescência da Agricultura Familiar. Nele diz que o Censo Escolar de 2019 retrata que, das mais de 180 mil escolas brasileiras existentes até aquele período, 55 mil estão na zona rural e que cerca de 48% dos domicílios não têm acesso à internet, uma taxa que aumenta conforme diminui a renda. É um tanto chato assim fazer parte de estatísticas, mas, você se inclui nesse perfil, Soares. Nele diz também que no Brasil, ainda existe 1,8 milhão de crianças e adolescentes na faixa etária entre 5 e 17 anos trabalhando, mesmo com os avanços consideráveis conquistados pelo país, com uma redução de 62% desse tipo de trabalho. Você não acha isso um absurdo?

- Poxa, Abimu, eu se tivesse condições adoraria ter permanecido na escola, mas, caramba, eu não posso. Preciso ajudar nas contas de casa e, não sei se você sabe, meu pai faleceu nesse tempo e agora sou só eu e minha mãe, a gente não pode ser dar ao luxo de faltar dinheiro dentro de casa senão a gente não come, entende?

- Meus pêsames, querido. Espero que seus corações estejam conseguindo lidar com tudo isso da melhor maneira possível. De uma coisa estou certa: não deve ser fácil. Conta comigo para o que precisar.

- Obrigado. Um jeito que você pode ajudar é pedindo para Eliomara levar internet lá para gente. Ou então construir uma escola bem pertinho lá da gente.

- Eu não sei se ela tem poder para fazer isso. Mas, talvez, consigamos abrir uma escola alternativa aqui mesmo na cooperativa.

- Já seria de grande valia.

- Sim. Você é um menino negro. Sabia que no que diz respeito à raça, pesquisas recentes de 2019 (PnadC) mostram que a maioria dos trabalhadores infantis eram meninos (66,4%) negros (66,1%)? Na mesma pesquisa descobri também que 21,3% (337 mil) estão na faixa etária de 05 a 13 anos, enquanto 25% (442 mil) têm entre 14 e 15 anos e 53,7% (950 mil) têm entre 16 e 17 anos. Esses dados visibilizam como a herança colonial da escravidão, vinculada à pobreza perpétua, enraíza as condições para a existência do trabalho infantil. Eu não consigo entender por que a sociedade é tão injusta com a gente.

- Poxa, eu não consigo entender quase nada do que você diz... Assim, eu sei que é tudo muito precário para gente aqui, mas, definitivamente não sei o que fazer.

- Uma coisa é certa: a gente precisa fazer alguma coisa e uma delas é garantir que você se mantenha na escola. A carência de estudos e pesquisas sobre educação voltadas para a segunda infância na agricultura familiar é uma evidência da invisibilidade provocada por esse segmento. A educação, que poderia ser uma via de inclusão e de direito assegurado por lei, ainda permanece fragilizada e mencionada como possível porta de saída para o trabalho infantil.

- Eu não me sinto muito sendo explorado, sabe? Acho que trabalhar e ajudar a minha família é algo digno que não retira de mim o que eu sou, mas, de acordo com o que você tenta me dizer pode ser que eu esteja sendo explorado, quando poderia estar tendo acesso a muitas outras coisas.

- Dados do relatório “Trabalho Infantil na Pecuária”, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura – FAO de 2013, apontam que quase 60% das crianças envolvidas em trabalho infantil estão na agricultura, agricultura familiar, um dos setores considerados mais perigosos. Além disso, há meninos e meninas a partir dos 5 anos trabalhando na atividade pastoril. O documento conclui que pouco se sabe sobre o envolvimento das crianças nessa atividade, em que a participação de crianças e adolescentes é comum, e tem um forte componente cultural. A FAO ressalta que a participação das crianças e adolescentes na agricultura pode ser um fator normal de crescimento, desde que as tarefas sejam adequadas a suas idades. Você acredita que suas atividades estão adequadas para a sua idade?

- Acho que estão, Abimu. A gente no campo não tem muito disso, chega ali pelos 12 anos já temos idade para trabalhar em quase qualquer coisa, principalmente se formos meninos.

- Compreendo, mas, você acha isso correto?

- Eu não tenho direito de achar e nem de deixar de achar. As coisas são muito difíceis para a gente. Se eu não trabalhar a gente morre de fome. Daí, faremos parte de uma nova estatística desses estudos aí que você faz.

- A Organização Internacional do Trabalho – OIT define esse tipo de trabalho como o que priva as crianças de sua infância, seu potencial e sua dignidade e que é prejudicial ao seu desenvolvimento físico e mental. Eu não entendo por que a sociedade inteira não se une para garantir que a gente tenha mais direitos, independente de quem a gente seja.

- Ah, Abimu, se você não entende... Imagine eu.

- A pobreza marca as periferias das cidades e a zona rural de municípios pobres, sendo uma das causas que incidem sobre o trabalho infantil, munindo a ideia de que o trabalho ensina e forma o caráter do ser humano. Na família de agricultores/as familiares, a transmissão de saberes, valores, práticas e habilidades é uma herança geracional que tem a função também de que os filhos (e não as filhas) deem continuidade ao trabalho na “terra” familiar. Isso é algo muito maluco! Você tem que começar a trabalhar por causa de uma cultura inteira que acredita que isso é o certo a se fazer. No entanto, o seu trabalho continua precário e dificilmente irá garantir que saia da miséria.

- Poxa, Abimu. Assim, você até me ofende. Eu não me sinto um miserável. Sou um trabalhador. Só me sinto mal quando não tenho condições para arcar com as despesas lá de casa principalmente em relação à nossa saúde. Porque se eu tiver à beira da morte, até eu chegar a um hospital de qualidade já morri.

- Desculpe, não quis ofender. Mas, é que eu fico completamente indignada que essas coisas todas só existam no papel. Por exemplo, existe uma convenção, nº 182, da Organização Internacional do Trabalho, onde consta que a eliminação efetiva das piores formas de trabalho infantil requer ação imediata e global, que respeite a importância da educação fundamental e gratuita e a necessidade de retirar a criança de todos esses trabalhos, promover sua reabilitação e integração social e, ao mesmo tempo, atender as necessidades de suas famílias. Quando você me diz que teme pelo futuro da sua saúde eu fico muito sem chão para lidar. Mas, eu concordo contigo, que por mais informações sobre pesquisas que eu tenha me sinto como você: sem saber direito o que fazer.

- Bora, Soares! A gente já enrolou demais e ainda tem muita entrega para fazer, menino!

E foi assim que terminamos a nossa conversa. Acredito que nem eu nem Soares teríamos mais cabeça para nos alongar por mais tempo. Nem conversar mais com Eliomara eu quis e fiquei com uma conclusão na cabeça: **Desde a colonização brasileira, crianças e adolescentes – inicialmente as indígenas e, posteriormente, as negras – foram cruelmente explorados, vistos como mercadorias e meros objetos; desde então, essa parcela da infância exerce o trabalho infantil.** Até hoje, como atestados nesta coleção de estudos, os direitos das crianças e dos adolescentes não são universais, ficando restritos a determinadas infâncias e adolescências.



Decisões Coletivas entre manobras num Skate Park

Saí do trabalho com a cabeça mais cheia do que imaginava. Como continuar a reflexão sobre estudo, trabalho, evasão, tantos sujeitos se no fim das contas eu ainda não consigo nem trabalhar nem estudar direito? A cabeça fica a mil.

No Brasil, onde as desigualdades de gênero e raça são históricas e expressivas, o cenário recente da austeridade provocou agravamentos e aprofundamentos. Por exemplo, **no último trimestre de 2017, dos 12,2 milhões de desempregados, quase dois terços (64%) eram homens e mulheres negras. Quando se segmenta o desemprego por sexo, 50,6% eram mulheres e, entre elas, 64% eram negras**, segundo o TEIXEIRA (2018, p. 288). Ele também diz que no período de 2014 a 2017, a partir de dados do IBGE, os contrastes salariais foram expressivos: **no último trimestre de 2017 as mulheres negras recebiam em média 43,1% do rendimento dos homens brancos e 46,4% das mulheres negras recebiam 1 salário-mínimo.**

A cabeça fica a mil porque também penso em mil pessoas. Hoje marcamos, todos e todas que éramos da mesma galera na escola antes da pandemia, de se encontrar no skate Park ao fim da tarde. Todo mundo confirmou que iria. É um reencontro



maravilhoso e estranho: uma parte saiu da escola, tá trabalhando; algumas amigas e amigos tiveram bebês; outros e outras seguiram caminhos outros. Vai ser bonito, nostálgico e um pouco melancólico. Do que será que vamos falar lá?

Queria refletir um pouco sobre nossas diferenças, e sobre como isso impacta nossas trajetórias. Por exemplo, fico pensando o fato de que o acesso à educação das mulheres brancas e pretas é desigual. **As mulheres pretas ou pardas apresentavam, em**

2019, taxa de frequência no ensino superior de 22,3%, já a das mulheres brancas era de 40,9%. No cenário da educação superior as mulheres brancas têm mais acesso que mulheres negras e homens negros e brancos (IBGE, 2021). A Nota Técnica do IPEA (2021) indica que **mulheres, negros e jovens foram os grupos mais afetados pelo desemprego em razão da crise da pandemia de 2020**, que agravou um cenário que já era desigual e os impactos do aumento dessa desigualdade são significativos. Será que esse papo vai render?

Fala Abimu! Tudo bem?
Saudades suas,
o que você conta?

Nada por enquanto, só conto
depois que vocês me disserem
tudo de vocês!

Amiga, estou aldeada de volta! Passei a pandemia
muito na minha comunidade, aldeia Pataxó Häihähäi.
Falando minha língua, vivendo nosso jeito, espiritualidade,
desenvolvendo nossas tecnologias. Parei de viver o tempo
todo voltada para cidade, estou mais focada no nosso
projeto. As escolas indígenas, que já eram complicadas,
pioraram muito!



Essa fala me pegou, pois lembrei do fato de que o Censo Escolar da Educação Básica de 2020 informa que, nas 3.359 escolas indígenas existentes, foram matriculados 273.928 estudantes, que contam com 20.373 professores e 1.884 gestores. Desse total, 3.334 escolas estão situadas em terras indígenas, áreas de assentamento ou comunidades remanescentes quilombolas. **Quase metade delas**

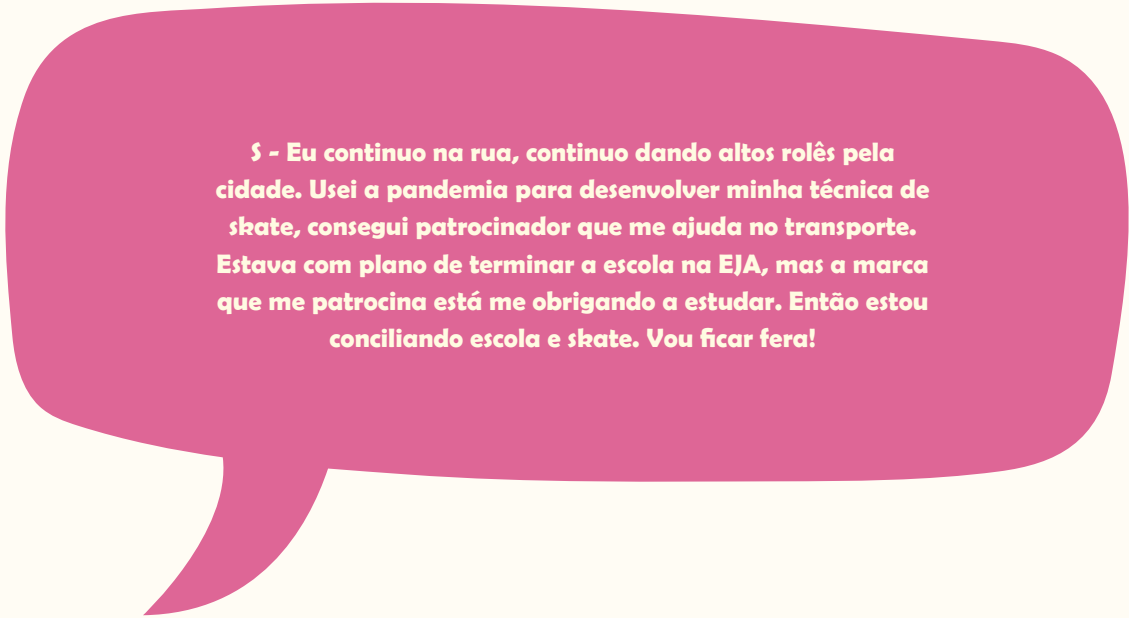
(49%) não possuem esgoto sanitário, cerca de um terço (30%) não conta com energia elétrica e 75% não têm acesso à internet; banda larga é uma realidade em apenas 14% das unidades. Além disso, praticamente não há estruturas de suporte ao aprendizado de ciências e tecnologia nas escolas indígenas: apenas 8% dispõem de algum tipo de laboratório em suas instalações.

Eu estou bem focado no meu trampo e na escola. Conseguindo manter os dois e dando uma ajuda em casa. Está puxado, mas está dando certo.

Eu tenho me dedicado ao cuidado da bebê maravilhosa que tive neste período. Não era parte do meu plano, mas aconteceu e está maravilhoso. Eu também não estava vivendo antes parte dos meus sonhos e agora posso sonhar com essa bebezinha.

O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e a Rede de Pesquisa Solidária realizaram uma análise da PNAD-COVID-19 (IBGE, 2020), na qual apontam que 5,9 milhões de estudantes da rede pública ficaram sem acesso às atividades escolares durante

a pandemia, dos quais 4,3 milhões são negros e indígenas e 1,5 milhões brancos – o que significa que o direito universal à educação está sendo violado e que **há três vezes mais não-brancos sem acesso à educação em período de isolamento social.**



S - Eu continuo na rua, continuo dando altos rolês pela cidade. Usei a pandemia para desenvolver minha técnica de skate, consegui patrocinador que me ajuda no transporte. Estava com plano de terminar a escola na EJA, mas a marca que me patrocina está me obrigando a estudar. Então estou conciliando escola e skate. Vou ficar fera!

Essas realidades, tão diferentes, tem muitos fundos comuns. Tanta gente tendo que se virar de um jeito ou de outro, é porque as estruturas estão jogando a gente no caos. De forma ampliada e com uma agenda de austeridade que ecoa princípios e recomendações internacionais, o governo federal tem, nos últimos anos, **enfraquecido políticas sociais, desfinanciado serviços públicos e fragilizado sistemas de proteção social** por meio de uma série de reformas que afetaram estruturas da legislação trabalhista, fiscal e da própria burocracia estatal. Os impactos de tais medidas são sensíveis para a população brasileira, mas há

segmentos sociais e populacionais mais fortemente impactados, especialmente os que são historicamente vulnerabilizados, como as mulheres e a população negra.

Se a gente analisar o conjunto das medidas governamentais, fica fácil entender que elas não podem ser compreendidas de forma isolada e desarticulada. Elas representam um ataque aos direitos sociais do país, são um projeto de desmonte do estado brasileiro, com impactos significativos na educação nacional.

E tu, Abimu?

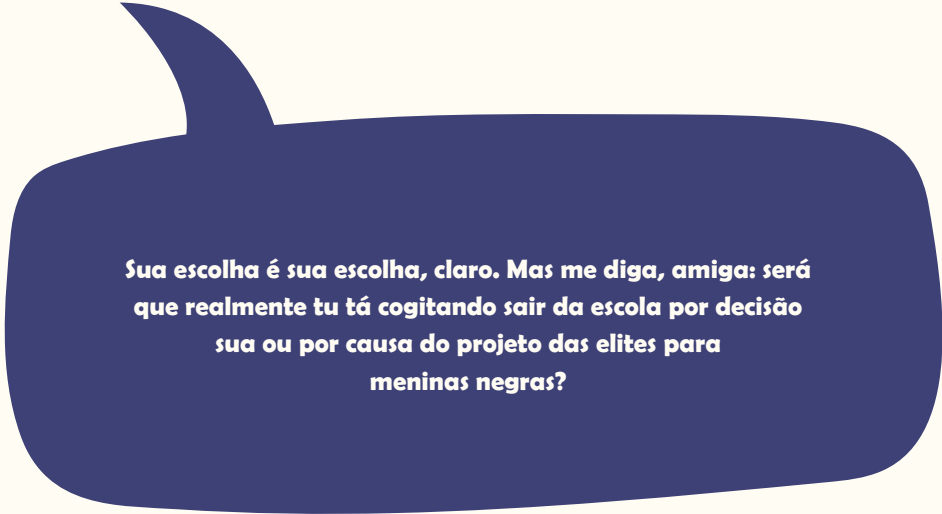
Eu tô de boa. Feliz que todo mundo tá desenvolvendo seus caminhos, mas estou mesmo ainda é procurando o meu. Estou feliz em estudar, mas gostei muito da experiência de trabalho hoje. Estou bem pensativa sobre continuar ou não na escola. Essa é minha principal questão hoje: trabalhar ou estudar? Ou será que eu faço os dois logo?

**Sério? Mas logo tu?
Como assim Abimuuu?**

**Tu sempre foi a mais estudiosa
de todes nós!
Como assim parar de estudar?**

**Eu parei, mas meu
motivo foi diferente!**

**- Meu caso é mais único e
mesmo assim não parei.
Acho que você
não pode parar não!**



Sua escolha é sua escolha, claro. Mas me diga, amiga: será que realmente tu tá cogitando sair da escola por decisão sua ou por causa do projeto das elites para meninas negras?

O Geledés trouxe uns dados em um estudo sobre essa situação. **Do início ao fim, a população negra tem menos oportunidades educacionais.** Há diferentes dados que demonstram essas desigualdades: em 2018, apenas 32% de crianças negras de 0 a 3 anos estavam matriculadas em creche, ao passo que esse percentual chega a 39% de crianças brancas. No Ensino Fundamental, embora as taxas de matrícula sejam equivalentes para negros (97,7%) e brancos (98,3%), no 5o ano apenas 51% dos negros apresentam proficiência adequada em língua portuguesa, enquanto para os brancos este indicador é de 70%. No Ensino Médio, as disparidades de frequência escolar voltam a aparecer: apenas 64,3% dos adolescentes negros de 15 a 17 anos estavam matriculados no Ensino Médio, enquanto 75,4% dos brancos do

mesmo grupo de idade frequentavam este nível de ensino; **na faixa etária até 19 anos, apenas 55% dos jovens negros haviam concluído o Ensino Médio, sendo que 73,7% dos brancos na mesma faixa etária tinham finalizado este nível de ensino.**

Ainda com esses dados, todo mundo passou a elaborar dezenas de motivos, questões, assuntos. Eu, sem querer, de novo virei o centro da conversa, tema geral do encontro no Skate Park. E eu, tola, imaginando que ali poderia me distrair...

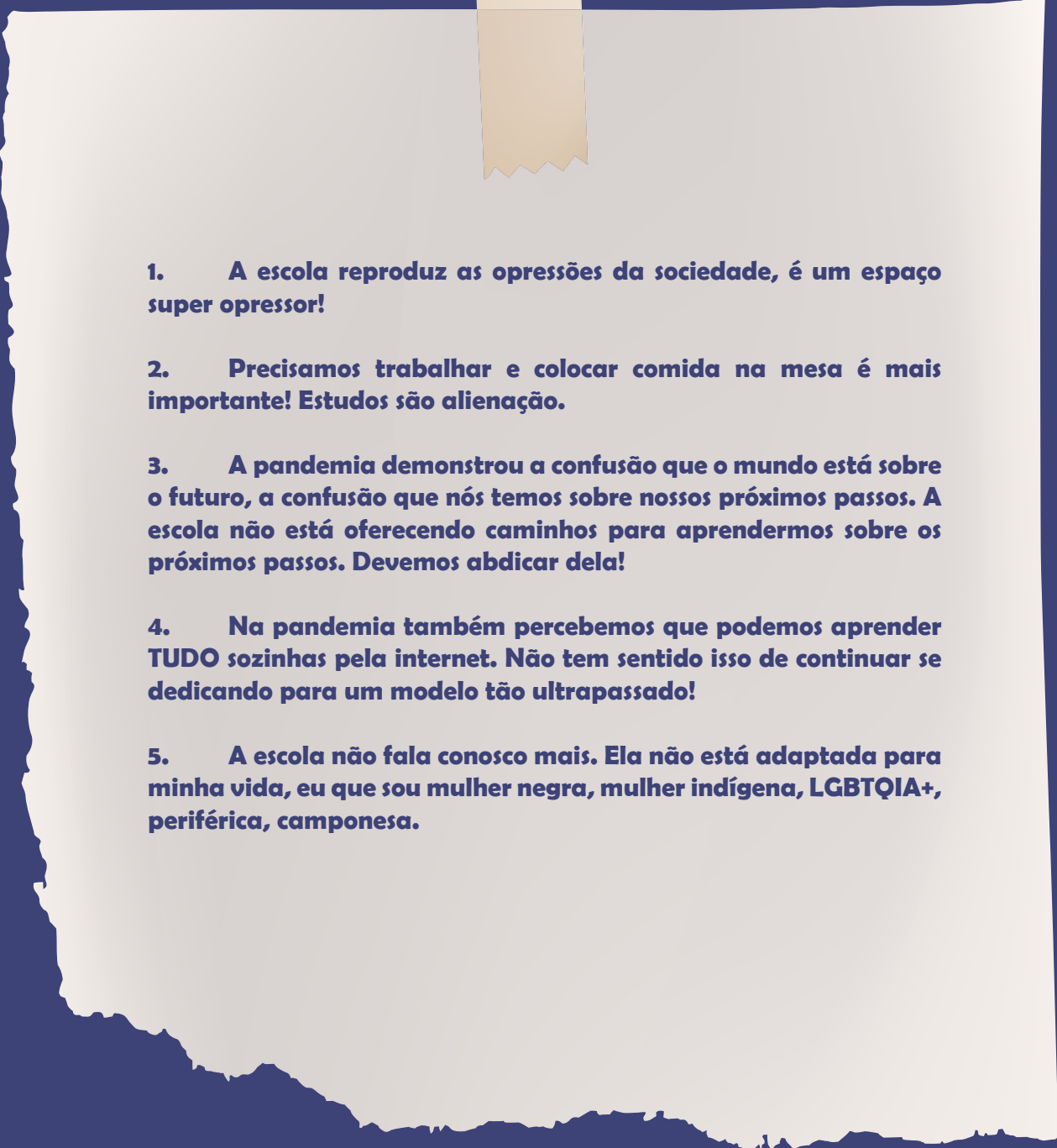
Entendi que todo mundo estava querendo colocar o foco em mim. Mas aí intervi, perguntando:

Mas porque as meninas negras como eu saem da escola? Por que as periféricas abandonam a educação? O que afasta as estudantes indígenas? Por que as camponesas evadem? Temos muitas questões envolvidas nesta escolha, não é uma coisa assim individual. Se vocês querem me usar para conversar sobre tudo isso que nos aflige, vamos pensar de forma coletiva. Vamos fazer uma brincadeira aqui, algo que nos entretenha. Por exemplo, se formos tratar da população originária, o Censo aponta que menos da metade das escolas indígenas (48%) utiliza material didático em língua indígena ou bilíngue (em língua indígena e em Língua Portuguesa), apesar da maioria (74%) ministrar aulas em língua indígena. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, existem 305 povos indígenas em território nacional, que falam 274 línguas diferentes e têm culturas distintas. Então, se vocês querem falar sobre o assunto, vamos levar em conta os vários aspectos e várias opiniões. Que tal?

Beleza Abimu, captei vossa mensagem! Tenho uma proposta: Vamos nos dividir aqui em dois grupos! Um de nós vai defender porque ela deveria evadir! Vamos ser os bandidos da história!

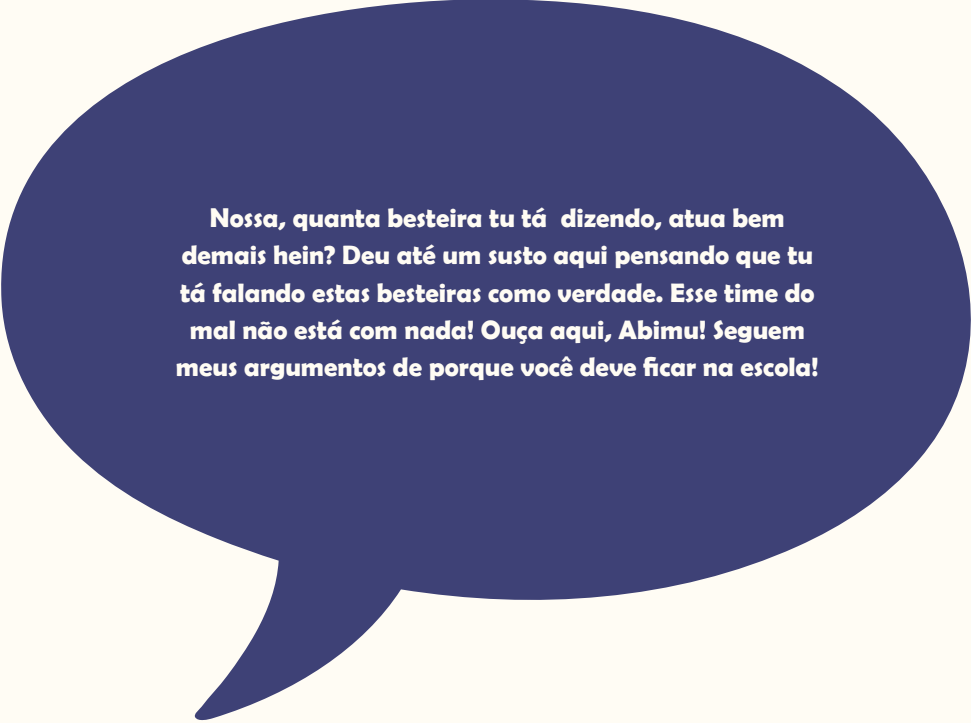
Massa, a Abimu será nossa juíza! Eu, mesmo, haha, me vesti de advogado do mal: Ela deve sair da escola, engrossar a fileira da evasão escolar. E eu já digo logo porquê:

E nós, da turma de heróis, vamos defender porque a Abimu tem que seguir na educação!

- 
- 1. A escola reproduz as opressões da sociedade, é um espaço super opressor!**
 - 2. Precisamos trabalhar e colocar comida na mesa é mais importante! Estudos são alienação.**
 - 3. A pandemia demonstrou a confusão que o mundo está sobre o futuro, a confusão que nós temos sobre nossos próximos passos. A escola não está oferecendo caminhos para aprendermos sobre os próximos passos. Devemos abdicar dela!**
 - 4. Na pandemia também percebemos que podemos aprender TUDO sozinhas pela internet. Não tem sentido isso de continuar se dedicando para um modelo tão ultrapassado!**
 - 5. A escola não fala conosco mais. Ela não está adaptada para minha vida, eu que sou mulher negra, mulher indígena, LGBTQIA+, periférica, camponesa.**

Fazer a defesa do abandono é fácil nesse contexto. A queda dos investimentos em educação e a pandemia aprofundaram o abismo entre as escolas públicas e privadas no país. Mesmo com falta de transparência e dificuldade para termos o cenário completo, ficou perceptível que em 8 estados os recursos para o

ensino médio foram menores e insuficientes em 2020, ano em que tudo mudou na educação. Isso tudo durante uma crise sanitária, quando precisávamos de mais investimento para suprir as novas necessidades apresentadas pelo ensino remoto por parte de alunos, professores e até mesmo das famílias.



Nossa, quanta besteira tu tá dizendo, atua bem demais hein? Deu até um susto aqui pensando que tu tá falando estas besteiras como verdade. Esse time do mal não está com nada! Ouça aqui, Abimu! Seguem meus argumentos de porque você deve ficar na escola!

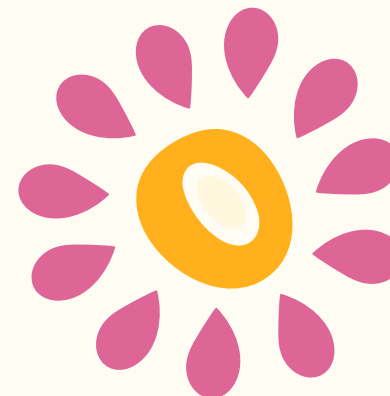
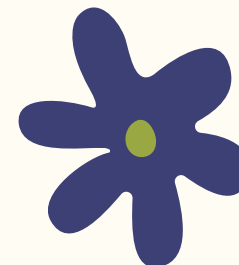
- 1. A escola é o espaço que socializa para o futuro**
- 2. A educação não é algo de cima para baixo. Devemos lutar pela nossa educação pois ela é feita com nossos recursos.**
- 3. É no ambiente escolar que temos diversas oportunidades de vivermos bem nossa adolescência e juventude.**
- 4. A educação pública formal nos conecta com as formas de conhecimento que evitam que nos tornemos negacionistas. Ali aprendemos sobre como não cair nas fake news.**
- 5. A educação é, fundamentalmente, nosso direito. Um direito que garante o futuro não só individual nosso, mas também o fortalecimento de toda nossa comunidade.**
- 6. O projeto de quem nos quer ignorante é nos retirar da escola. É garantir que não tenhamos qualificação, diplomas. O que devemos disputar não é só a conclusão do ensino básico e médio. Devemos lutar é para tomar as cabeças da educação: temos que fazer faculdade, mestrado, doutorado e construir a ciência inclusiva do mundo.**

O papo ficou bom, abordou diferentes papos. Todo mundo interagindo bastante, discutindo os prós e contras da educação. Aquele entretenimento foi suficiente para eu entender sobre a natureza da minha dúvida. Para eu entender que aquele debate era mais importante do que qualquer decisão minha. Na verdade, a decisão de evadir não é minha, é coletiva. Será que é a sociedade que definirá se eu continuo ou não na escola? Será que minha luta individual será suficiente? Será que devo lutar no coletivo?

Acho que ainda não me cabe decidir isso sozinha....

Como ensinou Paulo Freire, em Pedagogia da Autonomia: Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem desvios idealistas, na necessidade da conscientização. Ínsito na sua atualização. Na verdade, enquanto aprofundamento da “crise de consciência” do mundo, dos fatos, dos acontecimentos, a conscientização é exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica. Em lugar de estranha, a conscientização é natural ao ser que, inacabado, se sabe inacabado. A questão substantiva não está por isso no puro inacabamento ou na pura inconclusão.

(Campanha Nacional pelo Direito à Educação,
Não é Crise é Projeto, p. 61)



Epílogo:

uma brisa pelos perigos e recomendações do futuro da educação

Grito de Revolta

*“Quem é que não se lembra
Daquele grito que parecia trovão?!
– É que ontem
Soltei meu grito de revolta.
Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais
longínquos da Terra,
Atravessou os mares e os oceanos,
Transpôs os Himalaias de todo o Mundo,
Não respeitou fronteiras
E fez vibrar meu peito...”*

Amílcar Cabral, 1946

Fico muito descontente com essa quantidade de dados que demonstram como a educação brasileira deixa a desejar, quando pensamos em populações já vulneráveis em tantos aspectos sociais. Por exemplo, o fato de grande parte das famílias

não serem bem estruturadas pode comprometer os estudos de crianças e adolescentes que estão em seu núcleo. A favela estar no imaginário social como um lugar onde a violência está instalada, mesmo sabendo que muito dessa violência é empreendimento do próprio Estado, da sua polícia de exclusão. O racismo estrutural que atrapalha o desenvolvimento da autoestima de uns e da consciência de outros, mantendo a dominação, exploração, exclusão e extermínio de pessoas negras. O fato de o aborto não ser legalizado retirar a juventude de tantas jovens que não possuíram a instrução devida e acabam por engravidar sem ao menos terem maturidade para se comprometerem de forma digna com seus filhos. O trabalho infantil, herança da escravidão que hoje serve tanto para a família poder ter mais fontes de renda em casa e não passem tanta necessidade quanto para prevenir que os jovens entrem no mundo do crime. A ausência da garantia dos direitos fundamentais levarem tanta gente à evasão escolar. O despreparo dos profissionais da educação em orientar as crianças e adolescentes sobre a sua realidade e como reconhecer os seus modos de vida, suas histórias reais, as ansiedades de seus ancestrais... **Como tudo isso faz falta e como tudo isso está associado à negligência dos governantes.**

A experiência que estou tendo na minha comunidade demonstra o tanto que as pessoas se encontram incomodadas e se sentem completamente desprovidas de poder para mudar a própria situação. **Há tristeza em seus olhos, há o sentimento de injustiça, há o sentimento de impotência.** E como, paradoxalmente, há alegria, vontade de viver, há arte e encantamento a partir das formas que desenvolvemos para nos sentir melhor.

Tive um professor que me disse sobre como manter na cabeça a ideia de que estamos atrasados é ruim para sairmos

de situações desagradáveis. Ele me disse que se continuarmos pensando assim sempre estaremos atrasados, porque a referência do atraso estará se desenvolvendo e quando a alcançarmos já se encontrará novamente à nossa frente.

Nós que moramos em comunidades temos as referências de nossos pares e aprendemos muita coisa, principalmente, com o samba, o rap, a capoeira, os terreiros. Como nossos mais velhos desenvolvem as próprias tecnologias no intuito de colocar seu povo para cima... A arte realmente salva! E nesse país, muitos que buscam esse caminho se encontram em uma labuta extrema para não passar fome, não serem destituídos de suas raízes, mesmo com um talento incomensurável. Eu agradeço todos os dias aos meus ancestrais por ter conseguido estudar tanto, ler tantos livros, sendo ainda tão jovem. Eu sei que essa não é a realidade da maioria dos meus semelhantes, porém, se eu consegui, meu intuito é: **aprender a ler para ensinar meus camaradas**. Sinto que posso fazer alguma diferença e luto todos os dias e assim o farei por toda a vida para garantir novas oportunidades, avançar com elas e poder agenciar futuros para as minhas irmãs e irmãos.

Em mim ainda habita esperança! Acredito que podemos nos unir e manter nosso modo de viver, ver o mundo e se movimentar do jeitinho que a gente quer. Não quero ser como as pessoas que tem muito dinheiro. Só quero garantir nossa dignidade e garantia de direitos. Por que, afinal de contas, são DIREITOS, e estão previstos no texto constitucional. O que é difícil de acreditar é que não é possível. Uma professora minha certa vez disse: e se melhor for impossível? Fiquei meses com essa fala na cabeça. Eu não gosto dessa perspectiva. O melhor é a gente que constrói e se nossa referência for ser como outras pessoas e ter aquilo que outras pessoas têm, aí sim eu acredito ser impossível. Mas, aquilo que me

deixa feliz e me mantém de pé é o fato de sermos diferentes e, por isso, temos que buscar por nós mesmos os trajetos, escolhas e decisões que vão construir nossa personalidade.

Não tenho medo de tentar, de errar, de angariar novos rumos, planejar novos projetos e me sentir bem. Não sou uma pessoa medrosa. É difícil ainda afirmar que, desse modo, eu me torno automaticamente uma pessoa corajosa. A coragem também é fruto do enfrentamento, contra os fantasmas que nos condicionam a lugares ruins, incertezas, traumas e depressões. Eu sou uma jovem mulher do porvir, uma jovem mulher forte, que alimenta cotidianamente a fogueira do amor, da verdade e da vida.

Quero sempre estar atenta ao que pode me deixar para baixo, porém, mais ainda ao que pode me levantar e me dar condições de continuar e contribuir para um mundo mais justo, onde as pessoas que se encontram ao meu redor possam se espelhar com a minha história de vida. É isso: quero poder ser uma referência. Quero poder ser alguém que valha a pena acompanhar o processo. Alguém que não abaixa a cabeça frente às vicissitudes e se movimenta na direção do sol.

E aí meus pensamentos são daquele jeito coletivo. São pensamentos de quem quer continuar a estudar. Não, melhor, são pensamentos de quem quer estudar mais e melhor. **Não quero somente uma educação boa pra mim, quero pra nós**. Eu sou pela educação Ubuntu: sou o que sou pelo que nós somos. Então meu pensamento tem que ser coletivo, fruto de todo esse papo, toda essa leitura, toda essa pesquisa de dia e noite que temos feito. Pensando tudo isso, eu acho que temos muito a recomendar pra essa educação ser melhor, caminhar no rumo de nossos direitos.

Primeiro, recomendo o fundamental: **precisamos de INFRAESTRUTURA.** Tem que ter garantia ampliada de recursos para os estabelecimentos de ensino, dinheiro de verdade! Precisamos que a escola seja boa, o bairro seja bom, a comunidade seja boa. A escola precisa ser boa, bonita, bem pintada, com cheiro bom, computador, projetor, equipamentos, comida boa, banheiro limpo, muita gente boa trabalhando ali dentro. Ao redor da escola temos que ter também bibliotecas, museus, espaços de artes, creches, pra receber mães e pais. O transporte pra escola também tem que ser bom, seguro, eficiente e gostoso. A escola tem que ajudar nessa parte, identificando e fazendo projetos junto com quem frequenta as aulas. Em casa, além de alimentos, precisamos também de boa internet, com acesso universal permitindo educação de qualidade.

Lembro também de todo caminho que tive pra chegar até aqui. Lembro que meu dia começou com minha família me acordando, do papo naquele café da manhã que quase não deu para todes, do sonho de minha irmã e do traslado com meu irmão. Da quebrada, do bairro, dos vizinhos. **A educação precisa estar vinculada às necessidades de direitos nos territórios.** Também aos direitos sociais básicos, como saúde, saneamento, transporte, alimentação, iluminação, água, ar, natureza. A alimentação tem que ser boa na escola, mas também precisamos de kits de alimentação para a casa de todas as famílias que estejam em insegurança alimentar. Mais que isso, precisamos de acompanhamento e suporte psicossocial às famílias na realização de suas atividades. Essas famílias têm diferentes formatos: elas podem ser de periferia, quilombolas, indígenas, de pai-mãe-irmãos, de mãe solo, de duas mães, de aldeia, de assentamento, de quilombo. Essa diversidade precisa ser observada.

A diversidade, aliás, é tema principal na forma como a educação tem que ser organizada. Respeito é a principal reivindicação indígena na educação. Acho que é principal também para quilombolas, estudantes do campo, LBTTQIA+, migrantes, em situação de rua e em medidas socioeducativas. Precisamos desse compromisso no combate às discriminações, com políticas de ação afirmativa que combatam desigualdades educacionais. A educação deve ser um instrumento para fortalecimento e afirmação de nossas identidades, sendo inclusiva, flexível. Se somos diferentes precisamos de diferentes tempos. Estes tempos, das diferentes realidades sociais, precisam ser compreendidos em pesquisas e dados qualitativos e quantitativos diversos, entendendo sempre que temos muita gente, muita história, muita vida e muita memória na escola. Essa diversidade precisa ser aprofundada com alegria e não encaixotada em pedagogias bancárias.

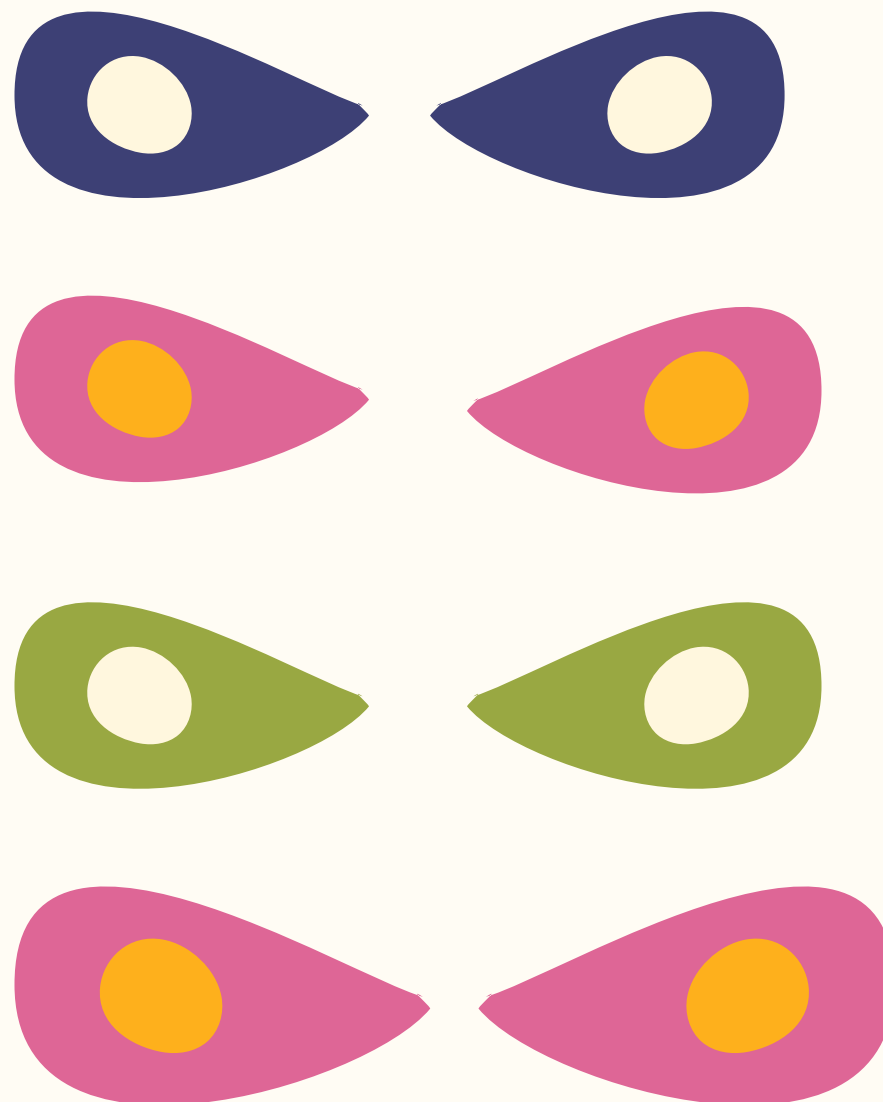
Pra que isso seja possível precisamos de uma grande reorganização curricular, que contemple toda essa gama de pessoas. As nossas aulas, avaliações e pedagogia precisam ser mais criativas, menos voltadas ao produtivismo. Temos que poder falar de todos os temas sem censura. Mas, claro, **queremos liberdade de expressão sem cinismo:** muito debate, muito respeito e sem agressões ou reprodução de opressões.

Temos que criar alternativas pedagógicas para que estudantes possam continuar a ter **vínculo com a escola e apoio pedagógico** dos professores para desenvolvimento dos conteúdos. Aliás, queremos uma **equipe mais capacitada e envolvida:** é fundamental a formação de professores em questões indígenas, quilombolas, de gênero e a garantia de apoio a docentes e gestores, com valorização da carreira.

Esse tipo de educação só será possível com uma **ampla participação como princípio organizador do ambiente educacional e escolar**. A participação ativa de todo mundo que compõe a comunidade escolar, com escuta constante de toda diversidade, atenção para que nenhuma voz seja silenciada. Isso demanda que tenhamos canais de comunicação eficientes desde a base até a ponta, garantindo protagonismo dos diversos agentes na educação. A escola é local de aprendizado mútua, que precisa de espaços assembleares para definição de seus caminhos. A participação precisa ser estimulada.

Estamos num processo ainda de pandemia, onde muitas pessoas evadiram da educação, seja por insegurança, falta de confiança e também por questões econômicas. As escolas precisam de protocolos sanitários eficientes para volta as aulas, além de busca ativa de estudantes que evadiram na pandemia, com recorte de raça e gênero. **Queremos que todo mundo volte ao processo educacional!**

A coisa precisa ser bonita na instância de base, mas também nas definições superiores. **Nossa política econômica e legislação tem que estar alinhadas a estes fins**. Não tem sentido manter esse tal teto de gastos públicos que reduzem e violam orçamento para educação, saúde e direitos fundamentais. Ele tem que ser revogado em nome de uma política econômica que assegure direitos e que promova a vida, e não a morte. A promoção de políticas econômicas de distribuição de renda, justiça fiscal e combate às desigualdades, especialmente na educação. Para isso já temos um caminho orientado, o do cumprimento do Plano Nacional de Educação (2014-2024) e das previsões legais que garantem direito à educação.





Estou falando aqui de medidas básicas, de um caminho mínimo para educação. Não estou falando de utopias, elas seriam muito maiores, alcançariam os céus. Estou falando de coisas básicas, o caminho que precisamos para nosso futuro. Estou falando de voltar a sonhar com a educação, que é onde as utopias florescem...

Realização:



Apoio:

MALALA:
FUND